SETENTA ANOS DA NOVA ERA

SETENTA ANOS DA NOVA ERA

SETENTA ANOS DA NOVA ERA

Agência de Imprensa Orbis, Praga, 1987

© Agência de Imprensa Orbis, Praga, 1987

INTRODUÇÃO

A Grande Revolução Socialista de Outubro deu início a uma nova época da história mundial. Em termos históricos não existe outro acontecimento tão importante como esta revolução, a qual influenciou de forma decisiva o curso da evolução social e inaugurou a era da libertação social e nacional e da passagem do capitalismo ao socialismo e ao comunismo.

A influência das ideias do Grande Outubro e o exemplo inspirador da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, da edificação da nova sociedade sem exploração e opressão do homem pelo homem, tornam-se de ano para ano mais poderosos e mais completos. Isto acontece devido ao carácter profundamente popular e realmente humanitário desta revolução, assim como à nova ordem que corresponde às necessidades do progresso social e aos interesses das massas trabalhadoras, verdadeiras criadoras da história. Era esta ideia que estava presente no espírito de V. I. Lénine, quando declarou, algum tempo depois da instauração do poder do Estado soviético de operários e de camponeses: «A República Soviética Socialista será um exemplo vivo para os povos de todos os países e a influência propagandista e revolucionária deste exemplo será imensa.»

Todos os aniversários da Revolução de Outubro confirmaram o seu impacte internacional e o exemplo revolucionário da edificação do socialismo na União Soviética. O modo de vida socialista demonstra as suas vantagens essenciais sobre o capitalismo. Tudo isto contribui para o crescimento da autoridade internacional da União Soviética como primeiro país socialista na história e reforça a atracção do marxismo-leninismo e das ideias da Revolução de Outubro, encarnadas nos actos criadores e inovadores das massas populares dos Estados socialistas.

A Revolução Socialista de Outubro e o seu exemplo aceleraram de forma considerável o processo histórico. Sendo a obra da classe operária revolucionária, educou os trabalhadores de todo o mundo e trouxe-os ao primeiro plano da política internacional. O seu exemplo forma-os e tempera-os como combatentes activos contra todas as formas de exploração e de opressão e como criadores de novas relações sociais.

Outubro acelerou a expansão das ideias do socialismo no mundo. As ideias socialistas tornaram-se uma poderosa força material transformadora do mundo. O socialismo não é apenas uma teoria mas também um poderoso movimento progressista e revolucionário das massas, englobando centenas de milhões de indivíduos. Contudo, é também uma sociedade com existência real, uma sociedade que se edificou e evolui sobre imensos territórios dos continentes.

A influência da Revolução de Outubro manifestou-se em numerosos aspectos. A Revolução Socialista de Outubro liquidou a dominação do imperialismo sobre o mundo inteiro. O mundo dividiu-se em dois sistemas sociais opostos: socialista e capitalista. O Estado soviético, criado pela Revolução Socialista de Outubro, tornou-se um baluarte material e um apoio político do movimento operário internacional e do movimento de libertação nacional. Surgiu uma nova forma de solidariedade internacional: a entreajuda dos

Estados socialistas e da classe operário revolucionária nos países não socialistas. Como resultado da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro não só se modificou o mapa político do mundo como também se alargaram o campo do pensamento revolucionário socialista assim como a convicção da necessidade de transformações sociais.

A Revolução de Outubro foi a expressão da riqueza de diversas formas da luta de classes. Os movimentos proletário, camponês e de libertação nacional fundiram-se numa única corrente revolucionária e a luta pela paz e pela democracia ligou-se organicamente à luta pelo socialismo.

O desenvolvimento da revolução na Rússia confirmou a teoria leninista sobre a transformação da revolução burguesa democrática em revolução socialista. A vitória da revolução socialista foi garantida, nomeadamente pelo facto de se apoiar nos sovietes, os quais representavam um novo tipo de poder de Estado, resultante da actividade revolucionária criadora das massas. Segundo Lénine constatou no II Congresso da Internacional Comunista, a ideia da organização soviética, a ideia dos conselhos populares «é simples e pode ser utilizada não apenas nas relações proletárias mas também nas relações do campesinato, feudais e semi-feudais. Os sovietes camponeses, os sovietes dos explorados, são um meio que pode ser utilizado não só nos países capitalistas mas também nos países com relações pré-capitalistas».

Ao mesmo tempo que cumpria as tarefas socialistas, a Revolução de Outubro realizou as tarefas democráticas: desfraldou a bandeira da paz, distribuiu a terra aos camponeses e pôs termo à opressão das minorias nacionais, à desigualdade das mulheres, à desigualdade racial, assim como à opressão religiosa.

A revolução socialista começou a realizar na prática as palavras de ordem da liberdade, da igualdade e da fraternidade, ao abolir o princípio «sagrado» da propriedade

privada dos meios de produção. Desta forma, conferiu a estas palavras de ordem o seu conteúdo verdadeiramente humanitário.

O derrubamento do domínio dos exploradores foi um golpe contra a ideologia anti-humanitária do egoísmo e do chauvinismo e tornou-se o ponto de partida da revolução cultural em todos os domínios da superstrutura ideológica. Foi assim que puderam nascer, não apenas uma nova ordem como também um homem novo, assim como novas relações entre as pessoas, realmente humanas e amistosas.

Apesar de uma certa especificidade das condições na Rússia, caracterizadas sobretudo pelo insuficiente nível técnico e económico do desenvolvimento do país e pelo baixo nível cultural das massas, a Revolução de Outubro foi a expressão das leis e das tendências fundamentais de toda a época histórica da transição para o socialismo, preparada pelo desenvolvimento da evolução social e económica global no mundo. A eliminação do capitalismo e a constituição das bases da nova ordem social tornaram-se o conteúdo da nova época da história mundial.

A classe operária na Rússia, sendo a primeira na História a quebrar a cadeia mundial do imperialismo, fez o máximo que era possível realizar num país pelo desenvolvimento e apoio da revolução em todos os países. Por este motivo, a Revolução Socialista de Outubro é não só um fenómeno nacional como também profundamente internacional.

Outubro inaugurou a época das revoluções anticoloniais e da liquidação da escravatura. O movimento anti-imperialista e anticolonial inspirado pelo exemplo de Outubro transformou-se num factor activo da política mundial e da liquidação revolucionária do imperialismo.

As revoluções de libertação iniciadas por Outubro determinam o perfil do século XX. Embora o desenvolvimento científico e técnico exerça uma enorme influência sobre a vida do homem, só a libertação social e espiritual o torna

realmente livre. Eis porque, tal como foi pertinentemente salientado no decorrer do XXVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, entraram em acção novos factores económicos, políticos, científicos e técnicos, da política interna e internacional. O progresso dos nossos dias identifica-se precisamente com o socialismo, o qual é uma possibilidade real oferecida a todos. É um exemplo orientado para o futuro.

O socialismo foi construído em países que estavam longe de figurar entre os primeiros pelo seu nível económico, técnico e cultural. Por conseguinte, mais extraordinários se tornam os resultados que obteve num curto período histórico. O socialismo provou que é possível resolver os problemas sociais numa base completamente diferente da do capitalismo. Os seus resultados foram conseguidos numa base colectivista e garantiram às massas trabalhadoras uma dignidade e uma certeza na vida.

As suas vantagens históricas foram provadas numa experiência histórica das mais difíceis — no decorrer da Segunda Guerra Mundial, na luta contra os agressores hitlerianos que procuravam obter a hegemonia sobre o mundo. Por que é que o povo soviético conseguiu defender as suas conquistas revolucionárias adquiridas na Revolução Socialista de Outubro e quais as bases da sua vitória sobre as forças obscuras da reacção mundial e sobre a sua vanguarda, o fascismo alemão? Essas bases residiam, nomeadamente, no carácter da sociedade socialista. O socialismo garantiu a unidade de toda a sociedade soviética, a força e a flexibilidade da sua economia, da sua ciência e da sua técnica. Este foi o resultado lógico do imenso esforço do povo soviético, da sua unidade política e moral, da amizade e da coesão das nações da URSS. Foi igualmente o resultado da política externa do governo soviético e da solidariedade internacional de todos os povos amantes da paz com os cidadãos soviéticos, os quais pela sua luta heróica contra as forças armadas fascistas,

defenderam não apenas a sua pátria socialista como prestaram uma ajuda eficaz aos povos escravizados pelo fascismo alemão e pelo militarismo japonês.

A história ensinou os povos do mundo a tomar consciência do perigo que as guerras representavam para a vida de centenas de milhões de pessoas, nomeadamente hoje em dia, na era espacial e nuclear, quando a utilização maciça das armas termonucleares poderá conduzir não só à aniquilação de povos inteiros como também de toda a civilização humana. A experiência ensina-nos que para a salvaguarda da paz é preciso uma acção conjugada e activa de todas as forças amantes da paz contra a marcha aventureirista do imperialismo, nomeadamente dos EUA, e aumentar a vigilância dos povos, defender e multiplicar as conquistas do socialismo.

Lutar pela salvaguarda da paz significa desmascarar a ideologia burguesa, o anticomunismo e o anti-sovietismo, os quais conduziram à Segunda Guerra Mundial e constituem actualmente a base da política das forças reaccionárias do imperialismo. A luta pela paz exige, pois, imensos esforços de todos aqueles a quem são caros o presente e o futuro do nosso planeta.

Na arena internacional o eixo da actividade dos Estados socialistas, encabeçados pela União Soviética, é a luta contra o perigo nuclear, contra a corrida aos armamentos, pela salvaguarda e reforço da paz. Esta luta decorre da natureza humanitária do socialismo, o qual é amante da paz. Socialismo e paz são indivisíveis.

I. A SOCIEDADE SOVIÉTICA REPRESENTA UM NOVO TIPO DE CIVILIZAÇÃO

A 7 de Novembro de 1917, graças a um levantamento armado dos operários, dos camponeses, dos soldados e dos marinheiros conduzidos pelo partido bolchevique dirigido por V. I. Lénine, a revolução socialista alcançou uma vitória decisiva. A Grande Revolução Socialista de Outubro liquidou o poder dos capitalistas e dos grandes proprietários de terras na maior parte do território da antiga Rússia tsarista e derrubou o regime dos exploradores. Aliada ao campesinato trabalhador, a classe operária tomou o Poder nas suas mãos. Desta forma, a revolução instaurou um novo tipo de poder político, a ditadura do proletariado, a República socialista dos sovietes e um novo tipo de democracia, uma democracia ao serviço dos trabalhadores. Eis como foi criada a condição política fundamental para a edificação do socialismo e do comunismo.

A nova sociedade foi formada numa dura luta de classes face à contra-revolução interna e externa. Foi edificado um novo sistema, soviético, dos órgãos de Poder e de gestão do país. No II Congresso Pan-Russo dos Sovietes dos Delegados Operários e Soldados, que começou a 7 de Novembro de 1917, foram adoptados os primeiros decretos

sobre as linhas fundamentais do governo dos sovietes então formado.

O Decreto sobre a Paz satisfez as exigências de longa data da maioria esmagadora da população e exigiu ao governo que iniciasse com as potências beligerantes, tão depressa quanto possível, negociações sobre a paz sem anexações e indemnizações, na base dos direitos dos povos à autodeterminação, no espírito de uma paz absolutamente justa. Através do Decreto sobre a Terra foram confiscadas todas as terras dos grandes proprietários rurais, dos conventos e do clero e, em simultâneo, foi suprimida a propriedade privada de todas as terras no país, as quais se tornaram propriedade de todo o povo e usufruto daqueles que as cultivavam.

Como órgão executivo do poder soviético foi criado o Conselho dos Comissários do Povo, presidido por V. I. Lénine. Este conselho era responsável perante o Congresso Pan-Russo dos Sovietes e o seu Comité Central executivo. Uma medida importante tomada pelo Conselho dos Comissários do Povo foi a da promulgação da Declaração dos Direitos das Nações da Rússia, de 15 de Novembro de 1917, a qual suprimiu a opressão nacional e reconheceu a todas as nações da antiga Rússia tsarista o direito à autodeterminação e mesmo à separação. O governo soviético reconheceu o direito à autodeterminação da Ucrânia e à independência da Finlândia. Em Janeiro de 1918, o Conselho dos Comissários do Povo publicou um decreto anulando os acordos concluídos em finais do século XVIII pela Rússia tsarista com a monarquia dos Habsburg (a Áustria) e a Prússia sobre a divisão da Polónia, e reconheceu o direito do povo polaco à existência independente e autónoma. O controlo operário foi introduzido nas empresas industriais. Em finais do mês de Dezembro de 1917 foram nacionalizados os bancos e em Janeiro de 1918 foi proclamada a anulação das dívidas externas.

Para a gestão prática da economia nacional foi criado em Dezembro de 1917 o Conselho Supremo da Economia Nacional. Depois de ter sido concluído o Tratado de Paz de Brest-Litovsk, em Março de 1918, foi possível continuar a realização das transformações revolucionárias no domínio das relações económicas. Em Junho de 1918 começaram a ser criados comités do proletariado rural que envidaram todos os seus esforços no sentido de impor a repartição equitativa de todas as terras entre os camponeses e de protestar contra os actos de sabotagem dos camponeses ricos que viviam nas aldeias e procuravam privar as cidades do abastecimento de géneros alimentícios. No final do mês de Junho de 1918 foi proclamada a nacionalização dos sectores-chave da indústria e dos transportes.

A conquista do poder político, a vitória alcançada nas frentes da guerra civil, a derrota infringida à intervenção militar e estrangeira e as perspectivas da possibilidade de edificação de uma via nova provocaram um poderoso afluxo de forças e de energia revolucionária dos trabalhadores, os quais conseguiram vencer os sofrimentos e ultrapassar os obstáculos provocados pelo caos económico, pelas conspirações contra-revolucionárias e pelas sabotagens da burguesia, assim como o atraso técnico-económico e cultural do país. Por vezes, durante o período transitório, a luta de classes assumiu o carácter de confrontações violentas. A força dirigente da sociedade, o partido comunista, realizou a linha leninista geral de edificação do socialismo, fundada na política da industrialização socialista do país, da colectivização dos campos e da revolução cultural.

O programa de edificação do socialismo na Rússia soviética foi proclamado pelo Partido Comunista da Rússia (bolchevique) em Março de 1919, por ocasião do seu VIII Congresso. O IX Congresso do Partido Comunista da Rússia (bolchevique), que teve lugar no início do mês de Abril de 1920, sublinhou na sua resolução que a condição

fundamental do relançamento económico do país era a realização do plano económico unificado, assente na electrificação do país. Já em Fevereiro de 1920 fora criada, por iniciativa de V. I. Lénine, uma Comissão de Estado para a Electrificação da Rússia, a GOELRO. A tarefa fundamental da edificação do socialismo foi a industrialização socialista.

Contudo, em primeiro lugar, terminada a guerra civil foi preciso liquidar o caos económico e restabelecer o funcionamento da economia nacional. A edificação pacífica começou a um nível de produção industrial sete vezes inferior ao da produção de antes da guerra, em 1913. A produção de aço chegou a cair para a 5% e a produção agrícola para metade. Assim, por iniciativa de V. I. Lénine, teve de ser elaborada uma nova política económica como etapa indispensável no caminho para o socialismo. Esta nova política tinha como objectivo a criação de condições favoráveis ao relançamento económico do país, à edificação das bases da economia socialista, ao desenvolvimento da grande indústria, à ligação entre a cidade e os campos e à consolidação da união da classe operária e do campesinato, assim como a repressão e a liquidação dos elementos capitalistas, devendo assegurar a vitória do socialismo.

Em 1925, no seu conjunto, a economia nacional do país foi restabelecida. A indústria produzia cerca de 75% e a agricultura aproximadamente 87% em relação aos níveis de 1913. A produção estatal e cooperativa participava na produção global com 81% e o sector privado apenas com 19%. Por conseguinte, no XIV Congresso do Partido Comunista da URSS (bolchevique) foi possível elaborar e formular a estragégia da industrialização socialista da economia nacional da URSS e determinar a sua aplicação na prática. Nas condições da União Soviética foi necessário consagrar a maior atenção ao desenvolvimento dos meios de produção, ou seja, à indústria pesada e, sobretudo, à indústria mecânica.

Ao processo de industrialização encontrava-se estreitamente associado o problema da formação de quadros profissionais, devido à insuficiente instrução da população.

O cumprimento do programa de industrialização socialista permitiu à União Soviética tranformar-se de um país agrícola atrasado num país agrário-industrial, tendo a participação da produção industrial na criação do rendimento nacional atingido 70% em 1932.

Foi criada uma base autónoma da indústria pesada e da indústria mecânica, permitindo liquidar a dependência da União Soviética do mundo capitalista nos sectores decisivos. O poderio económico do país aumentou consideravelmente e a sua capacidade de defesa foi fortementė alargada. Além disso, foram criados novos sectores industriais até então desconhecidos no país.

A industrialização permitiu criar uma base sólida para a grandė produção agrícola dos kolkhozes.

Ao mesmo tempo, o desemprego foi completamente eliminado, embora muito pouco tempo antes, em 1930, ainda houvesse na URSS cerca de um 1 200 000 desempregados.

A industrialização permitiu criar condições favoráveis para um novo progresso de toda a vida económica e cultural e consolidar a base material e técnica do socialismo.

A edificação acelerada de uma indústria moderna criou condições favoráveis para a transformação socialista da atrasada agricultura, por intermédio da colectivização e da mecanização. A URSS tornou-se uma grande potência industrial. Em 1940 e em relação a 1913, o produto industrial bruto aumentou cerca de 7,7 vezes e a fabricação de meios de produção 13 vezes. Além disso, foram criados novos sectores industriais, tais como a indústria automóvel, a indústria aeronáutica, a produção de tractores e toda uma série de fábricas químicas e de outros tipos. Estes êxitos realçaram consideravelmente o prestígio internacional da URSS, tanto mais que foram alcançados numa época em que o mundo

capitalista sofria a mais profunda crise económica mundial jamais conhecida. Desta forma ficou eloquentemente provada a supremacia do sistema económico socialista sobre o sistema capitalista.

Depois da tomada do Poder pelo proletariado, o problema mais complexo e mais difícil de resolver foi o da reconstrução socialista da agricultura, a qual foi realizada na base do plano da colectivização elaborado pelo V. I. Lénine. Não só foi necessário combater os costumes seculares do pequeno proprietário e modificar a sua psicologia como também persuadir os camponeses das vantagens do trabalho colectivo e, sobretudo, vencer a resistência dos kulaques através dos esforços conjugados da classe operária e do proletariado rural, em estreita união com o médio campesinato. A colectivização permitiu ao mesmo tempo liquidar a última e a mais numerosa das classes exploradoras, a da grande burguesia rural (os kulaques).

A colectivização das terras transformou radicalmente o modo de vida das massas de camponeses laboriosos que outrora viviam nos campos em classes estratificadas. Além disso, deu origem às bases das relações de produção socialista e da grande produção agrícola socialista.

Outra tarefa importante fixada pelo programa de edificação das bases da sociedade socialista soviética foi a da realização da revolução cultural. Nas difíceis condições de um país de cultura atrasada o Estado soviético criou, apesar das sérias deficiências em matéria de quadros de qualificação elevada e média, um novo sistema de ensino que assegurou a alfabetização da população, o rápido progresso da ciência e da cultura e a educação da jovem geração no espírito socialista.

Na Rússia tsarista, cerca de 75% da população era ainda em 1897 iletrada, e esta situação não sofreu alterações sensíveis até à Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917. A partir daí e até 1939, a alfabetização da população

atingiu 87,4%. Ao mesmo tempo, registou-se no país um progresso sem precedentes da cultura, da imprensa, da cinematografia e da radiodifusão, e o número de clubes e de teatros aumentou de maneira espectacular.

A revolução cultural socialista permitiu não só a liquidação do analfabetismo como também o intenso desenvolvimento das forças criadoras, o desenvolvimento espiritual do homem trabalhador e a criação de uma nova *intelligentsia* socialista. A ideologia marxista-leninista imprimiu-a na consciência dos cidadãos soviéticos.

No decurso do processo de edificação do socialismo foi igualmente concretizado o programa leninista consagrado à solução do problema das nacionalidades. Já no primeiro programa do partido bolchevique, a par da solução do problema rural, a sua justa solução era considerada como uma condição fundamental para o sucesso da revolução burguesa democrática. No decurso da edificação do socialismo na URSS foi amplamente provada a justeza da tese fundamental do marxismo-leninismo, segundo a qual a questão das nacionalidades só podia ser resolvida pelo reconhecimento do direito de todas as nações à autodeterminação. Na URSS foram suprimidas, ao mesmo tempo que os antagonismos das classes, as divergências entre as nações e todas as desigualdades entre as raças, as religiões e as nacionalidades. Além disso, foi gradualmente liquidado o atraso económico e cultural das nações e nacionalidades não russas, as quais, voluntariamente, se juntaram em 1922 à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Alicerçado na Constituição Soviética de 1924, o nascimento da URSS foi um acontecimento de importância histórica. As nações e as nacionalidades, que nas condições da Rússia tsarista estavam em vias de perder progressivamente a sua identidade nacional, começaram a viver, no decurso do processo de edificação do socialismo, uma vida histórica independente. As diferentes nações liquidaram o seu

atraso na economia e na cultura e assimilaram as forças económicas e culturais socialistas. Este êxito reveste-se de particular importância ao constatarmos que mesmo as nações e as nacionalidades que tinham vivido antes da revolução sob um regime feudal ou mesmo patriarcal atingiram o socialismo sem passar pelo estádio do capitalismo. Na base de tradições progressistas e revolucionárias e do intenso intercâmbio de valores espirituais desenvolveu-se uma cultura nacional socialista multiforme, a qual contribuiu amplamente para o processo de aproximação das nações e das nacionalidades da União Soviética.

Um factor importante que favoreceu o desenvolvimento económico, político e cultural da União Soviética, assim como o desenrolar do processo de aproximação de todas as nações e nacionalidades foi a língua russa, a qual, logicamente, se tornou num meio de compreensão entre as nações da URSS, permitindo a assimilação dos conhecimentos científicos e técnicos assim como da cultura soviética e mundial.

Em meados dos anos 30 foi realizada uma das importantes etapas do desenvolvimento da sociedade soviética. Aboliu-se definitivamente a dominação secular da propriedade privada e a exploração do homem pelo homem. Na base dos interesses comuns da classe operária, do campesinato dos kolkhozes, da *intelligentsia* popular e dos trabalhadores de todas as nações e nacionalidades foi criada a união social, política e ideológica da sociedade soviética. O homem trabalhador tornou-se gestor de pleno direito do país. Na URSS foi em princípio edificada uma sociedade socialista. A vitória do socialismo foi alicerçada na segunda Constituição da URSS, em 1936.

A sociedade soviética foi sujeita a uma experiência muito dura com a Grande Guerra Pátria que se prolongou de 1941 a 1945. No decurso dos anos mais difíceis desta guerra manifestaram-se em todas as frentes, assim como na sua retaguarda e nos territórios ocupados pelas unidades nazis a sólida união e a invencibilidade do povo soviético, o qual cerrou fileiras à volta do partido comunista e ajudou o exército soviético a esmagar o fascismo alemão, vanguarda da reacção imperialista mundial.

A União Soviética conseguiu cicatrizar as graves feridas provocadas pela guerra, reforçar o seu potencial económico e científico-técnico e a sua defesa e consolidar ainda a sua posição na arena internacional.

O socialismo alcançou na União Soviética uma vitória completa e definitiva. A experiência adquirida durante a edificação do socialismo na URSS e em toda uma série de outros países confirmou a validade geral das leis fundamentais da revolução socialista e da edificação do socialismo, próprias de todos os países que enveredam pela via do socialismo.

Tais leis são as seguintes:

— a condução das massas trabalhadoras pela classe operária, cujo núcleo é formado por um partido marxista-leninista, durante o desenvolvimento de uma revolução proletária de qualquer tipo e a instauração da ditadura do proletariado sob esta ou aquela forma;
— união da classe operária com as camadas fundamentais do campesinato e outras camadas de trabalhadores;
— liquidação da propriedade capitalista e instauração da propriedade social dos meios básicos de produção;
— gradual transformação socialista da agricultura;
— desenvolvimento planificado da economia nacional, orientada para a edificação do socialismo e do comu-

nismo, para a elevação do nível de vida dos trabalhadores;

— relização de uma revolução socialista nos domínios da ideologia e da cultura e criação de uma *intelligentsia* numerosa dedicada à classe operária, ao povo trabalhador e à causa do socialismo;
— liquidação da opressão nacional e instauração da igualdade em direitos e da amizade fraternal entre os povos;
— defesa das conquistas do socialismo contra as tentativas dos inimigos externos e internos;
— solidariedade da classe operária do país em causa com a classe operária dos outros países — internacionalismo proletário.

Uma vez que assentaram sobre a vitória definitiva e completa do socialismo, os fundamentos sob os quais foi edificada a sociedade socialista na URSS constituíram um trampolim seguro que permitiu o seu ulterior desenvolvimento. O trabalho assíduo do povo soviético e os notáveis êxitos alcançados na economia, nos domínios social e político, na ciência e na cultura, conduziram a sociedade soviética a novas viragens históricas. A União Soviética iniciou a etapa do socialismo desenvolvido.

As relações sociais socialistas foram consolidadas e formou-se uma nova comunidade social e internacional, representada pelo povo soviético. O Estado da ditadura do proletariado transformou-se progressivamente em Estado de todo o povo. A nova etapa da evolução da sociedade soviética exigiu a realização de uma análise do estádio já

alcançado pelo desenvolvimento social, económico, político e cultural do país. Esta análise foi realizada no decorrer do XXVII Congresso do PCUS, representando um marco importante no caminho seguido pelo povo soviético e conduzindo a uma fase superior da sociedade comunista. A análise da etapa já atingida da evolução da sociedade soviética e a determinação das tarefas decorrentes foram inscritas no novo texto do terceiro programa do PCUS.

O terceiro programa revisto e aprovado pelo XXVII Congresso do PCUS é um programa de aperfeiçoamento planificado e multiforme do socialismo, destinado a permitir um novo avanço da sociedade no caminho rumo ao comunismo, graças ao desenvolvimento social e económico acelerado do país. É um programa de luta pela paz e pelo progresso social.

Neste programa foram determinados os objectivos que a sociedade soviética deve atingir no limiar do terceiro milénio nos domínios económico, social, político e espiritual. O eixo do desenvolvimento ulterior é constituído pela estratégia da aceleração do desenvolvimento social e económico da sociedade soviética, o qual deve permitir a solução de todos os problemas e o cumprimento das tarefas actuais e futuras nos domínios económico, social, político e ideológico, tanto no interior do país como em matéria de política externa.

A concepção da aceleração baseia-se na nova qualidade do crescimento, na intensificação multiforme da produção, beneficiando dos resultados das investigações científicas e técnicas, na reestruturação da economia, nas novas formas eficazes de gestão e organização, assim como em modalidades eficazes de estímulo do trabalho.

A orientação para a aceleração não se limita às transformações do domínio económico, mas conta também com a realização de uma política social assente na aplicação consequente do princípio da equidade social. A estratégia da aceleração conta com o melhoramento das relações sociais,

assim como das formas e dos métodos de gestão e de trabalho das instituições políticas e ideológicas e com o aprofundamento da democracia socialista.

Em comparação com as etapas precedentes da edificação socialista e do desenvolvimento da sociedade socialista na URSS, a estratégia da aceleração aplicada nas actuais condições é muito diferente e possui certas particularidades:

1. A concepção do acréscimo do desenvolvimento social e económico tem um carácter multiforme, vasto e complexo. Pressupõe que a edificação de uma economia desenvolvida, a criação de um sistema eficaz de defesa do país e o desenvolvimento das orientações prioritárias da ciência e da técnica serão acompanhadas pela elevação do nível de vida dos cidadãos soviéticos e pelo enriquecimento qualitativo da vida espiritual e social das diferentes perspectivas e da forma de pensar.

2. A qualidade do nível actual do desenvolvimento de todo o país e das suas partes é diferente. Ao passo que o nível da técnica e da economia depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro era muito baixo e foi ainda fortemente prejudicado pela guerra, a URSS dispõe actualmente de um potencial económico, de defesa e cultural importante e de quadros altamente qualificados. Actualmente, o nível económico de todas as repúblicas da URSS é em princípio equilibrado e foi possível edificar na União Soviética um complexo unificado de economia nacional.

3. O método de desenvolvimento utilizado é fundamentalmente diferente. Ao passo que no passado o desenvolvimento era geralmente extensivo, actualmente os esforços orientam-se no sentido de assegurar a intensificação da economia e a aceleração crucial do progresso científico e técnico.

4. No limiar do terceiro milénio deve encontrar-se duplicado e qualitativamente reconstruído o potencial económico criado no decurso dos 68 anos do poder soviético.

5. Na actual etapa do aperfeiçoamento planificado e universal do socialismo aumenta consideravelmente o papel do factor humano. Trata-se, sobretudo, da transformação da mentalidade das pessoas e do desenvolvimento das aptidões para trabalhar de uma forma inovadora.

As tarefas essenciais que devem ser cumpridas no domínio do desenvolvimento social são as seguintes:

— o aperfeiçoamento contínuo das condições de vida e de trabalho da população, com vistas a assegurar um nível de vida qualitativamente novo, assente na aplicação consequente do princípio de remuneração de acordo com o trabalho realizado;
— a criação de uma estrutura em princípio sem classes da sociedade e eliminação progressiva das diferenças socioeconómicas, culturais e sociais importantes entre a cidade e os campos;
— a ligação cada vez mais orgânica do trabalho físico e do trabalho intelectual;
— a realização mais completa do princípio da justiça social em todas as esferas das relações sociais;
— a crescente consolidação da unidade do povo soviético, constituindo uma comunidade social e internacional.

A futura evolução da sociedade soviética será fortemente influenciada pela lei mais importante que regula o desenvolvimento das relações sociais na época actual, isto é, a aproximação entre a classe operária, os camponeses dos kolkhozes e a *intelligentsia*, favorecendo a formação de uma estrutura sem classes.

As tarefas impostas na esfera das nacionalidades encontram-se em estreita relação com a política social. O PCUS consagra a estes problemas a atenção necessária e vela pela consolidação do Estado multinacional soviético, pelo crescimento do potencial material e espiritual de todas as

repúblicas, repúblicas autónomas e regiões autónomas e pela sua máxima utilização no quadro de um complexo económico unificado. Além disso, o Partido consagra particular atenção ao desenvolvimento da cultura do povo soviético, ao conteúdo socialista, formas nacionais múltiplas e espírito internacional.

Os problemas do desenvolvimento do sistema político têm por princípio considerável importância. Entre eles cabe um lugar especial aos problemas do aperfeiçoamento da democracia soviética e da realização cada vez mais completa da autogestão socialista na base da participação activa e eficaz dos trabalhadores das colectividades e das organizações na solução dos problemas encontrados na vida do Estado e da sociedade.

Os problemas-chave da política do Partido são o desenvolvimento e a consolidação do Estado soviético socialista, o desenvolvimento cada vez mais intenso do seu carácter democrático e humano e o seu papel edificador. Deve ser consagrada especial atenção à utilização de todas as formas de democracia directa, nomeadamente por intermédio das colectividades de trabalhadores (cujas competências foram consideravelmente alargadas e estão inscritas na nova Constituição de 1977 e concretizadas na lei sobre as colectividades de trabalhadores, promulgada em 1983). Estas colectividades realizam na prática os resultados das discussões e votos referentes aos problemas importantes de todo o povo. A sua actividade encontra-se intimamente ligada ao aprofundamento e ao aperfeiçoamento dos sovietes dos povos, base política da URSS e elo principal da autogestão socialista do povo. São muito preciosos todos os passos que visam assegurar a adequada divulgação da actividade dos órgãos do Estado e de outros orgãos, a mais intensa informação da população sobre as medidas tomadas, a sua realização e o seu controlo.

Constata-se o profundo grau de complexidade e de articulação inerente ao desenvolvimento registado nos domínios

da ideologia, da educação, da instrução, da ciência e da cultura. As principais orientações formuladas por ocasião do XXVII Congresso do PCUS correspondem às necessidades da aceleração do desenvolvimento social e económico do país. O objectivo principal da política do PCUS consiste na formação de uma personalidade harmoniosamente desenvolvida e socialmente activa, impregnada de riqueza espiritual, de pureza moral e de perfeição física e que permita a solução da tarefa estratégica essencial, isto é, a aceleração do desenvolvimento social e económico.

No domínio do trabalho ideológico o PCUS considera como tarefa principal a educação dos trabalhadores no espírito de uma compreensão profunda das novas ideias, da devoção ao comunismo, do patriotismo soviético e proletário, do internacionalismo socialista, de uma perspectiva conscienciosa do trabalho e da propriedade social, do acesso cada vez mais alargado dos trabalhadores aos tesouros da cultura espiritual e da liquidação dos hábitos que se encontram em contradição com o modo de vida socialista.

No trabalho político-educativo é essencial a observância do princípio supremo de toda a actividade do Partido e do Estado, a unidade das palavras e dos actos, e desta forma é preciso transformar a consciência social e elevá-la ao nível das exigências da evolução social e de existência humana.

A estas exigências respondem as orientações principais do processo de educação política baseado na formação da concepção científica do mundo. O núcleo do trabalho educativo político é constituído pela educação de cada cidadão soviético na profunda estima por todos os seus concidadãos e na prestação de um trabalho honesto, tanto intelectul como físico. Trata-se de aumentar de forma duradoura e multiforme a estima pelo trabalho honesto e altamente produtivo, pelo desenvolvimento da iniciativa criadora do povo, pelo carácter criador do trabalho, pelo reforço da relação

comunista com o trabalho e pelos princípios da moral comunista, moral colectivista, humanista, activa e criadora. Esta parte do trabalho ideológico e educativo encontra-se em íntima ligação com a educação patriótica e internacionalista, a educação ateia e jurídica, a luta contra todas as manifestações da ideologia burguesa, contra todos os fenómenos negativos que reflectem os vestígios do passado e subsistem na consciência e no comportamento das pessoas.

A sociedade soviética desenvolve-se em contacto directo com a evolução mundial. A União Soviética não é apenas o elo principal do sistema socialista mundial e o mais seguro sustentáculo do movimento operário e comunista internacional mas também o mais importante obstáculo contra a política agressiva do imperialismo mundial. Do seu poderio militar, político e económico depende em larga medida a consolidação da paz mundial, tão frágil nesta nossa era cósmica e nuclear. Para tal contribuem igualmente os principais objectivos e orientações da política externa do PCUS e do Estado soviético, exprimindo não só as exigências do povo soviético mas também as de toda a humanidade progressista, e que exigem:

— a criação de condições externas mais favoráveis ao aperfeiçoamento da sociedade socialista e ao acesso do comunismo na URSS;
— o afastamento do perigo de uma guerra mundial e a imposição da segurança geral e do desarmamento;
— a contínua extensão da cooperação com os países socialistas irmãos;
— o desenvolvimento de relações amistosas e iguais em direitos com os países libertados;
— a manutenção e o desenvolvimento de relações entre a URSS e os países capitalistas, na base da coexistência pacífica e de uma cooperação realista e mutuamente vantajosa;

— a solidariedade internacional com os partidos comunistas e democráticos revolucionários, com o movimento operário internacional e com as lutas de libertação nacional.

O povo soviético conheceu no decurso dos setenta anos de existência do primeiro Estado socialista do mundo duras experiências. A sociedade que aí se constituiu e que se dirige para o comunismo inscreveu na sua bandeira a orgulhosa divisa: «tudo em nome do homem, tudo pelo seu bem-estar». Esta divisa, na realidade, constitui uma exortação a toda a humanidade progressista dos nossos dias. É o lema da sociedade socialista, cujos objectivos e acções na arena internacional tem como eixo o apoio aos esforços dos povos que lutam pela independência e pelo progresso social, e cujo objectivo essencial é o da salvaguarda e da consolidação da paz.

II. O SISTEMA SOCIALISTA MUNDIAL REPRESENTA UM NOVO TIPO DE RELAÇÕES ENTRE OS PAÍSES E OS POVOS

O nascimento do sistema socialista mundial depois da Segunda Guerra Mundial é o acontecimento mais importante da história mundial a partir da Grande Revolução Socialista de Outubro, a qual deu início a uma nova época na história da humanidade. A vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro provocou o desenvolvimento da crise capitalista que já começara antes da Primeira Guerra Mundial. O sistema capitalista foi abandonado numa sexta parte do mundo e deixou de ser o único sistema mundial. Os êxitos alcançados durante a edificação do socialismo na União Soviética, o papel decisivo da URSS na vitória sobre a Alemanha fascista e a sua participação na derrota do Japão militarista, assim como na libertação de numerosos povos da Europa e da Ásia, no decurso da Segunda Guerra Mundial, aceleraram o amadurecimento das condições do desenvolvimento sociopolítico, económico e social interno, assim como das condições externas que permitiram a novos países e povos enveredarem pela via do socialismo. O progresso da luta de libertação nacional e das lutas de classe caracterizadas pelo seu espírito democrático, antifascista e anti-imperialista assegurou durante os anos de

1944 a 1948, em toda uma série de países da Europa Central e Oriental (Albânia, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polónia, Roménia e Jugoslávia) e em certos países da Ásia (República Democrática do Vietname e República Popular Democrática da Coreia) a vitória das revoluções nacionais e democráticas que conduziram a revoluções socialistas. Em 1949, o caminho do socialismo foi seguido pela República Democrática Alemã e a revolução alcançou a vitória na China. Já em 1921 a revolução popular e antifeudal triunfara na Mongólia e no decorrer dos anos foram criadas nesse país condições favoráveis à passagem ao socialismo. Assim, o socialismo, que atravessara as fronteiras do primeiro país socialista, a URSS, levara no final dos anos 40 à criação de um sistema socialista mundial. No fim dos anos 50 a revolução anti-imperialista alcançou a vitória no primeiro país do hemisfério ocidental, em Cuba, tendo adquirido no início dos anos 60 o carácter socialista. Na Ásia, as lutas de libertação nacional travadas durante numerosos anos contra o imperialismo produziram no decorrer dos anos 70 a vitória da revolução nacional e democrática no Laos e no Kampuchea e o nascimento da República Socialista do Vietname. Os alicerces do sistema capitalista mundial foram abalados e minados não só devido à criação do sistema socialista mundial, o qual se consolidou com o decorrer dos anos, mas também graças à vitória das revoluções de libertação nacional conduzidas contra o imperialismo em várias dezenas de países coloniais ou semicolonizados. Muitas vezes no termo de uma complexa evolução da sua política interna, alguns destes países optaram pelo desenvolvimento não capitalista ou pela orientação socialista.

O processo histórico objectivo de consolidação do sistema socialista mundial desenrolou-se sob a pressão incessante do imperialismo mundial, começando pela pressão económica e acabando pela agressão militar directa contra os países de democracia popular e contra os países socialis-

tas (citemos, a título de exemplo, a guerra da Coreia e a agressão dos EUA contra o Vietname, etc). Entre os factores que caracterizam a época histórica actual encontram-se a desagregação do sistema capitalista mundial, incluindo o regime colonial imperialista, por um lado, e por outro a consolidação contínua do sistema socialista mundial, o crescimento da sua força económica e política e a crescente orientação dos novos países para o socialismo. Os decénios decorridos da evolução histórica no mundo confirmam as conclusões das reuniões internacionais dos partidos comunistas e operários, segundo as quais a época contemporânea, caracterizada principalmente pela passagem do capitalismo ao socialismo e iniciada pela Grande Revolução Socialista de Outubro, é um período de luta de dois sistemas sociais antagónicos, um período de revoluções socialistas e de libertação nacional e de amplos movimentos democráticos pela paz, um período de desagregação do imperialismo e de liquidação do sistema colonial, um período de passagem de um número de países cada vez maior para o socialismo.

Até finais dos anos 40, a maioria dos países europeus de democracia popular consagraram-se sobretudo à solução das tarefas destinadas à libertação nacional, tarefas revolucionárias democráticas, antifascistas e anti-imperialistas. Foi nesta época que se desenvolveu o sistema de democracia popular como um novo tipo de Estados conduzidos por partidos comunistas e operários que assegurava o poder da classe operária e das massas trabalhadoras. Todavia, neste sistema participavam igualmente as camadas antifascistas da burguesia, em estreita cooperação com todas as forças progressistas e democráticas agrupadas nas frentes nacionais e patrióticas. Realizaram-se nesta época radicais transformações no domínio económico. A nacionalização das indústrias-chave, dos transportes, dos bancos e do comércio externo assim como as reformas agrárias consolidaram o poder dos

trabalhadores, enfraqueceram as posições económicas e políticas da grande burguesia e do capital e criaram condições favoráveis para o estabelecimento de relações de produção socialistas. A solução definitiva da questão da passagem do Poder para as mãos da classe operária, do campesinato e das outras camadas dos trabalhadores dos países de democracia popular foi assegurada pela passagem das revoluções nacionais e democráticas a revoluções socialistas.

Na charneira dos anos 40 e 50 foi possível realizar em todos os países europeus de democracia popular em que a revolução socialista triunfara novas transformações socioeconómicas radicais, as quais garantiram a introdução de relações de produção socialistas e a edificação de uma sociedade socialista. No decurso deste período foram elaborados e adoptados planos gerais de edificação do socialismo. No domínio político foi consolidado o sistema político de democracia popular que começou a assumir as funções de ditadura do proletariado. Entre as principais tarefas da política económica dos países europeus de democracia popular figuravam então a construção da economia socialista e o fortalecimento do sector socialista, assim como a limitação e o retrocesso do sector capitalista da economia nacional, a industrialização socialista, a transformação da estrutura industrial, a passagem gradual, à grande produção e a transformação socialista da agricultura, a solução de diferentes tarefas nos domínios da elevação do nível de vida da população, da saúde pública, do ensino, da cultura, etc. Em todos os países socialistas europeus, entre os finais dos anos 50 e o princípio dos anos 60, foram estabelecidas as bases do socialismo. Pelo contrário, nos países asiáticos de democracia popular que foram obrigados a resolver problemas que se revestiam do carácter de libertação nacional, revolucionária, democrática, anti-imperialista e antifeudal, a passagem ao socialismo e a evolução socioeconómica geral foram seriamente travadas pela agressão imperialista contra a

República Popular Democrática da Coreia e a República Democrática do Vietname.

A evolução do socialismo mundial entrou no princípio dos anos 60 numa nova etapa. A União Soviética começou a construir o socialismo desenvolvido e numerosos outros países europeus do sistema socialista mundial, que já tinham estabelecido as bases do socialismo, iniciaram igualmente uma nova etapa de edificação da sociedade socialista, alicerçada sobre as suas próprias bases socioeconómicas e sobre as relações de produção socialistas.

Os países agrupados no seio do sistema socialista mundial começaram a construir uma nova sociedade socialista a partir de diferentes níveis de desenvolvimento económico e político, apesar da estrutura social diferente, dos diversos graus de importância e de organização da classe operária, da variedade de tradições históricas e de certas especificidades nacionais. Todas estas diferenças provocaram certos desvios no desenvolvimento das revoluções de libertação nacional e democrática, assim como das revoluções socialistas e nas formas de edificação do socialismo. No entanto, a experiência adquirida até agora pelos membros do sistema socialista mundial provou que a nova sociedade socialista só poderia ser edificada se fossem respeitados os princípios gerais da construção do socialismo, válidos para todos os países, e se fossem tomadas em consideração as condições concretas historicamente criadas em cada um deles, as suas particularidades nacionais e as suas tradições. Entre os princípios gerais válidos para a edificação do socialismo figuram nomeadamente os seguintes: o papel dirigente da classe operária, conduzida por um partido marxista-leninista durante a realização da revolução proletária e a instauração da ditadura do proletariado, assim como a união da classe operária, do campesinato e de outras camadas de trabalhadores, a liquidação da propriedade capitalista e a sua substituição para propriedade socialista dos bens de

produção fundamentais, a gradual transformação socialist
da agricultura, o desenvolvimento planificado da economi
nacional, a revolução socialista nos domínios ideológico
cultural, a liquidação da opressão nacional e a instauraçã
da igualdade em direitos e da amizade fraterna entre o
povos, a defesa das conquistas do socialismo contra as ten
tativas dos inimigos externos e internos e a solidariedade d
classe operária do país com a classe operária dos outros paí
ses, isto é, o internacionalismo proletário.

Qualquer transgressão destas leis universalmente válida
que regem a edificação do socialismo, qualquer abandon
dos princípios do marxismo-leninismo e sobretudo qualque
desvio do internacionalismo proletário conduzem a defor
mações do funcionamento da base económica e da supers
trutura política. Todavia, a evolução geral até agora registad
nos países que fazem parte do sistema socialista mundia
provou igualmente a possibilidade de surgirem certas diver
gências não antagónicas entre os diferentes países socialis
tas, devido à sua diferente evolução histórica, à avaliaçã
específica de certos acontecimentos, à variedade de perspec
tivas, etc., mas estas divergências não influenciam obriga
toriamente de forma negativa as relações entre os países em
causa, na condição de serem analisadas oportunamente e
resolvidas de forma enérgica. Para além de todos os pro
blemas e de certas dificuldades, a linha principal e decisiva
do desenvolvimento do sistema socialista mundial foi no pas
sado, e continua a ser ainda, a consolidação da unidade e
da coesão dos países socialistas. A força e a eficácia desta
unidade dos países socialistas manifestaram-se sobretudo nas
situações de conflito mundiais. A solidariedade e a assis
tência mútua dos países socialistas reflectem o internacio
nalismo socialista e permitiram expulsar os agressores da
Coreia e do Vietname, defender com êxito, em Cuba, durante
a crise das Caraíbas, as conquistas revolucionárias e forne
cer aos povos da Hungria, da Checoslováquia e da Polónia

a ajuda necessária contra a contra-revolução interna e externa.

A unidade e a coesão dos países agrupados no sistema socialista mundial e a sua cooperação política, militar, económica, científica e cultural adquirem particular importância no que respeita à vitória da revolução socialista, à edificação de uma nova sociedade socialista e à defesa das conquistas socialistas contra o perigo de uma agressão imperialista. Continuam a desenvolver-se estreitos laços de amizade, de cooperação e de assistência mútua entre a União Soviética e os outros países socialistas, ocupando o primeiro destes países uma posição específica em todo o sistema socialista mundial, devido ao seu imenso potencial económico, científico-técnico e militar, assim como à influência e à autoridade de que goza à escala internacional. Como factor político importante deve ser mencionada a conclusão de acordos bilaterais sobre a amizade, a cooperação e a assistência mútua entre a URSS e os diferentes Estados de democracia popular da Europa Central e do Sueste, assim como entre estes países, no decursos dos anos 40 e no princípio dos anos 50. Em meados dos anos 50, quando a situação política internacional na Europa se agravou e quando a República Federal da Alemanha, remilitarizada, se tornou parte orgânica da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) dirigida contra os países socialistas, o sistema de acordos bilaterais deixou de ser suficiente para garantir a segurança dos países socialistas europeus. Assim, para poderem enfrentar a nova situação, os países socialistas europeus foram obrigados a criar um bloco militar-político defensivo, a Organização do Tratado de Varsóvia. O acordo, respeitante à amizade, cooperação e assistência mútua foi assinado a 14 de Maio de 1955 em Varsóvia, pelos representantes da URSS, da Bulgária, da Checoslováquia, da Hungria, da RDA, da Polónia, da Roménia e da Albânia, tendo este último país abandonado em 1968 a organização. O acordo mencionado

tem como objectivo desenvolver a cooperação multiforme entre os signatários e a assistência mútua, incluindo a ajuda militar. O sistema de acordos bilaterais ao qual se juntaram gradualmente outros membros do sistema socialista mundial, e que foi aperfeiçoado para corresponder às novas condições no domínio da política externa tornou-se, juntamente com a prorrogação do Tratado de Varsóvia, um importante factor político e militar na Europa e, ao mesmo tempo, um meio eficaz de cooperação multiforme e de defesa dos países socialistas e um importante elemento de integração, favorecendo o desenvolvimento dos países da comunidade socialista.

A crescente tensão política registada nos finais dos anos 40 e as severas medidas de discriminação política e económica tomadas em relação aos países socialistas pelas potências ocidentais tornaram igualmente necessário o alargamento da cooperação mútua multiforme dos países socialistas e a utilização de novas formas de cooperação multilateral para a solução de problemas económicos comuns. Foi por este motivo que no decurso de uma reunião realizada em Moscovo de 5 a 8 de Janeiro de 1949 foi criada uma organização económica internacional dos países socialistas com o objectivo de assegurar a sua cooperação económica multiforme, o Conselho de Assistência Mútua Económica (CAME). Ao CAME, que foi inicialmente uma organização económica de seis países socialistas europeus, juntaram-se no decorrer dos anos certos países não europeus e actualmente trata-se de um órgão de cooperação económica e de integração que engloba dez países socialistas da Europa, da Ásia, e da América Latina: a Bulgária, a Checoslováquia, a República de Cuba, a Hungria, a Mongólia, a RDA, a Polónia, Roménia, a URSS e a República Socialista do Vietname. A cooperação económica dos países socialistas que integram o CAME foi alargada, aprofundada e aperfeiçoada durante os anos 50 e 60 e foram utilizadas novas formas

e métodos permitindo passar das formas iniciais de cooperação multilateral à divisão socialista internacional desenvolvida do trabalho, enriquecida por toda uma série de elementos de integração. Em 1971, a adopção do Programa Complexo de aprofundamento e de aperfeiçoamento da cooperação e de desenvolvimento da integração económica socialista dos países membros do CAME assinalou a passagem a uma cooperação económica e científico-técnica de qualidade superior, isto é, à integração económica socialista.

O desenvolvimento do processo de integração na comunidade dos países membros do CAME, no decurso do qual estes países resolvem em comum numerosos e complexos problemas de economia nacional e ultrapassam toda uma série de obstáculos objectivos e subjectivos, é acompanhado em todo o sistema e em todo o mecanismo da sua cooperação e integração económica por transformações qualitativas de grande alcance. Ao mesmo tempo que se aprofunda o carácter planificado, de longa duração e complexo das medidas de integração, ganham relevo novos elementos de cooperação no domínio da planificação e aumenta consideravelmente a importância da cooperação planificada nos aspectos industrial e científico-técnico. Os países membros do CAME utilizam em comum os seus recursos naturais, materiais, financeiros e de trabalho, constroem em comum complexos industriais, de transporte e outros, desenvolvem operações de estabilização e de cooperação na esfera industrial, assim como no domínio da ciência e da técnica, e aprofundam as suas relações comerciais. Em 1985, com base numa resolução da reunião económica na cimeira dos representantes dos países membros do CAME realizada em 1984, foi adoptado um Programa Complexo do progresso científico e técnico até ao ano 2000, orientado no sentido da aceleração coordenada do desenvolvimento científico e técnico em cinco sectores-chave, isto é: a aplicação integral da electrónica à economia nacional, a automatização complexa, a produção

de energia nuclear, a aplicação de novos materiais e novas tecnologias utilizadas para a sua fabricação e para o seu tratamento e a biotecnologia. A aplicação na prática dos resultados de ponta das investigações científicas, de uma nova técnica sofisticada e de tecnologias de vanguarda na base deste novo programa representa um traço qualitativamente novo da cooperação e da integração económicas e científico-técnicas dos países da comunidade socialista.

Prossegue a ritmo acelerado a internacionalização da vida política nos países membros do CAME que atingiram um nível elevado da socialização da produção e se incorporaram na vasta divisão internacional socialista do trabalho, ao mesmo tempo que adquirem um carácter cada vez mais internacional os factores decisivos do desenvolvimento económico. A cooperação e a integração económicas multiformes, assim como a ajuda dos países industrializados, permitindo o mais rápido desenvolvimento dos países de nível económico mais fraco, tais como a Mongólia, a República de Cuba e a República Socialista do Vietname, realizadas no quadro do CAME, exercem grande influência sobre a aproximação dos níveis das estruturas económicas no complexo económico internacional dos países membros do CAME, formando o núcleo do sistema económico socialista mundial, baseado no mercado socialista mundial e na divisão socialista internacional do trabalho.

Assim, desenvolvem-se entre os países socialistas relações internacionais de um tipo completamente novo, com base nos princípios do internacionalismo socialista. Estas relações assentam no mesmo tipo de regime social, económico e político, na ideologia marxista-leninista, na solidariedade de classe, na amizade, na cooperação e na assistência mútua que favorece o cumprimento das tarefas impostas pela edificação socialista e a defesa da nova sociedade socialista, na luta pela paz e pela segurança internacionais, assim como pela igualdade de direitos e pelo respeito da independência

e da soberania de cada país. A formação de um novo tipo de relações internacionais baseadas nos princípios do internacionalismo socialista é um processo de longo prazo que se desenvolve em condições difíceis, e que exige a liquidação da herança das relações complexas e muitas vezes hostis que existem entre diferentes países e dos vestígios da ideologia nacionalista, da desconfiança, etc., e a luta contra os esforços dos imperialistas com vistas a dividirem, graças a diferentes métodos, a comunidade dos países socialistas e a minarem a sua unidade e a sua coesão cada vez mais sólidas.

As relações do internacionalismo socialista manifestaram-se mais expressivamente na comunidade socialista dos países membros do Conselho de Assistência Mútua Económica e da Organização do Tratado de Varsóvia. Os países da comunidade socialista, unidos pelos seus interesses fundamentais comuns e pelos objectivos perseguidos na luta pelo socialismo e pela sua defesa, cooperam intensamente e coordenam as suas actividades nos assuntos internacionais, assim como nas esferas militar, política e económica. Os países da comunidade socialista que formam o núcleo de todo o sistema socialista mundial são os pioneiros do progresso social e de todo o processo de desenvolvimento socialista no mundo e, ao mesmo tempo, os garantes da paz e da segurança dos povos. A aproximação cada vez maior entre os países socialistas em todos os domínios, tanto o político como o económico, o social ou o cultural, é um processo objectivo e representa uma das leis, tendências e perspectivas mais importantes do progresso da comunidade socialista, decorrendo da própria essência do socialismo. Simultaneamente com o desenvolvimento de cada povo socialista considerado individualmente, e com a consolidação da soberania dos países socialistas, estreitam-se as suas relações e regista-se um número cada vez maior de elementos comuns, os quais asseguram a homogeneidade da sua política, da sua economia

nacional, da sua cultura e do modo de vida da sua população, ao mesmo tempo que se assiste à contínua aproximação dos seus níveis de desenvolvimento.

O aprofundamento das relações internacionais de um tipo novo entre os países da comunidade socialista, assim como o reforço da sua unidade e coesão, ao mesmo tempo que representam uma condição internacional importante da edificação socialista em cada país individualmente considerado, favorecem o aumento da sua autoridade política no mundo e da participação da comunidade socialista na produção mundial, consolidam a sua posição na competição económica entre o socialismo e o capitalismo e exercem uma influência positiva sobre todo o sistema das relações políticas e económicas no mundo. Nestas relações internacionais, os países da comunidade socialista gozam de uma autoridade cada vez maior e impõem a sua política de normalização das relações políticas e económicas entre os países de diferentes regimes sociais. Esforçam-se por encontrar caminhos construtivos que conduzam ao desenvolvimento de relações políticas e económicas pacíficas e estáveis e que tomem em consideração as realidades existentes no mundo e os interesses de todos os países. Encontram-se igualmente dispostos a desenvolver uma ampla cooperação mutuamente vantajosa entre todos os países do mundo, que permita a solução de problemas globais da actualidade, tais como os problemas respeitantes às matérias-primas, à energia e à ecologia que prejudicam o progresso dos países em vias de desenvolvimento e a alimentação da sua população, a utilização pacífica dos resultados científicos, o desperdício de enormes somas com o armamento, etc. Os países da comunidade socialista esforçam-se de forma consequente por impor a normalização das relações internacionais nos domínios da economia, da ciência e da técnica, a liquidação de todas as formas de agressão económica e a reformulação de todo o sistema de relações económicas internacionais

incluindo o sistema monetário internacional, numa base equitativa e democrática.

O nascimento do sistema socialista mundial e a formação da comunidade socialista e a sua consolidação provocaram uma transformação radical da relação das forças na arena internacional a favor dos povos que lutam pelo progresso social, pela democracia, pela liberdade nacional e pela paz. Actualmente, a comunidade socialista é uma força universalmente reconhecida, que deve ser tomada em consideração quando se trata de resolver todas as questões da política mundial; ela é o garante da paz no mundo e o mais consequente defensor dos princípios sãos, pacíficos e democráticos que regem as relações internacionais (extracto do Programa do Partido Comunista da União Soviética — nova redacção aprovada pelo XXVII Congresso do PCUS).

III. MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO MUNDIAL — O SEU PAPEL E OS SEUS OBJECTIVOS COM VISTAS À TRANSFORMAÇÃO JUSTA DO MUNDO

A época actual da história mundial caracteriza-se por transformações sociais bruscas e profundas. É uma época de transição da humanidade do capitalismo para o socialismo e o comunismo. A Grande Revolução Socialista de Outubro deu início ao processo da criação de uma nova formação socioeconómica comunista no nosso planeta. Estabeleceu-se uma concorrência histórica entre dois sistemas sociopolíticos mundiais, entre o socialismo e o capitalismo. Tal como foi sublinhado na nova redacção do Programa do PCUS de 1986, as principais forças motrizes da evolução social são o socialismo mundial, o movimento operário e comunista, os povos dos países que se libertaram da opressão colonial e os movimentos democráticos das massas. A luta destas forças dirige-se contra o imperialismo e a sua política de agressão e de opressão e empenha-se em favor da paz, da democracia e do progresso social.

Tal como o ilustram os últimos congressos dos partidos comunistas, os países socialistas estão neste momento a entrar numa etapa qualitativamente nova do aperfeiçoamento da sociedade socialista, caracterizada pela aceleração do

progresso em todos os domínios da vida da sociedade socialista. O socialismo prepara-se para um novo e rápido impulso rumo ao futuro e a sua incidência na evolução dos processos mundiais é cada vez mais activa e mais revelante. As directivas da política externa enunciadas nos mais recentes congressos dos partidos comunistas e operários dos países socialistas podem ser resumidas nos seguintes pontos:

— activar a política pacífica dos seus países em toda a frente das relações internacionais;
— envidar todos os esforços no sentido de compelir as forças militaristas e agressivas mundiais à defensiva, quebrar o mais rapidamente possível o círculo vicioso da corrida aos armamentos e começar o processo do desarmamento;
— impor relações iguais e correctas entre os Estados, alargar e aprofundar as relações económicas internacionais mutuamente vantajosas.

A influência da comunidade socialista mundial sobre a evolução do mundo, e nomeadamente sobre o processo revolucionário, aumenta continuamente. O papel da comunidade internacional dos países socialistas como vanguarda do processo revolucionário mundial manifesta-se em todos os aspectos e nomeadamente nos domínios económico, político e ideológico. Este papel aumenta à medida que se realizam as vantagens históricas do novo mundo. A actividade pacífica, criadora e edificadora dos países socialistas constitui a base material do seu êxito na transformação do mundo sobre bases justas. As novas relações internacionais entre os países socialistas, e nomeadamente entre os da comunidade socialista mundial, estabelecidas graças à política internacional dos partidos comunistas e operários, exercem considerável influência sobre a vida do mundo actual e sobre o progresso social.

Nos seus esforços de encontrarem a forma mais eficaz de influenciar o processo revolucionário e mundial, os partidos irmãos elaboraram uma importante estratégia comum do desenvolvimento social e político dos países membros do CAME e do Tratado de Varsóvia para os anos 80 e a mais longo prazo. Trata-se da estratégia da activação do «factor humano». Como são nomeadamente os aspectos sociais deste factor que aparecem em primeiro plano, é elaborada uma política social que garanta o crescimento da prosperidade nos países socialistas. Verifica-se, consequentemente, o reforço da posição do socialismo na competição com o capitalismo. A componente principal da influência do socialismo sobre a situação internacional é a luta da URSS e dos outros países socialistas contra a ameaça de guerra e pela segurança universal. Os Estados socialistas exercem uma influência cada vez maior sobre a situação internacional e sobre o sistema global das relações internacionais, nos quais introduzem os seus princípios, e neutralizam e limitam progressivamente as perspectivas e as influências imperialistas. O mundo socialista mostra concretamente a forma de resolver os problemas globais, como ultrapassar as dificuldades que se erguem perante a humanidade.

Constitui importante factor da luta contra o imperialismo o movimento operário actual, em luta contra as tentativas da burguesia de transferir para os trabalhadores as consequências da crise económica, assim como as despesas realizadas com a revolução científica e técnica. Como a monopolização da ciência e da técnica pela oligarquia monopolista cria uma contradição entre o progresso científico e técnico, por um lado, e o progresso social, por outro, as manifestações da classe operária contra as consequências negativas da revolução científica e técnica e pela sua aplicação a favor dos trabalhadores adquirem necessariamente um carácter antimonopolista e tornam-se, hoje em dia, o factor decisivo da luta de classes.

O movimento operário, embora num certo sentido se tenha tornado nestes últimos dez anos mais poderoso e mais radical do que, por exemplo, no início dos anos 60, está a atravessar um período difícil de adaptação às novas condições da luta de classes, sofrendo o progressivo endurecimento dos ataques conduzidos pelas forças mais reaccionárias contra as conquistas da classe operária. Se considerarmos as tendências sociais a longo prazo, podemos afirmar que a política da «desforra social» que as classes no Poder estão a levar a cabo será finalmente votada ao fracasso. Graças à sua luta intransigente e pertinaz, a classe operária consolida progressivamente a unidade das suas fileiras e cria uma base sólida para as acções contra essa política.

A classe operária internacional luta contra um inimigo poderoso que maneja as alavancas económicas decisivas, a política e a informação, mas já passou o tempo em que os operários não passavam de uma classe sofredora e oprimida. A face do mundo mudou graças às vitórias de uma geração de lutadores competentes no plano organizativo, dotados de consciência e de força.

Desde meados do século XX até ao momento presente o número de membros da classe operária duplicou nos países capitalistas desenvolvidos e triplicou nos jovens países libertados. Assistimos à mudança da composição e da estrutura da classe operária, ao mesmo tempo que aumentam o seu nível de instrução e de cultura, assim como as suas necessidades materiais e espirituais. Nos países capitalistas industrialmente desenvolvidos, os operários representam a maioria da população na idade activa. Os processos políticos e sociais actuais dependem decisivamente do seu trabalho, da sua actividade política e da sua influência. Nos intensos confrontos de classes, a classe operária prepara-se objectivamente para o cumprimento da sua missão histórica, para a liquidação do capitalismo e criação de uma nova sociedade socialista. A sua intervenção no mecanismo da política económica

das classes no Poder é cada vez mais radical. É objectivamente capaz de fazer da revolução científica e técnica um factor do progresso social.

A classe operária influencia activamente a solução de numerosos problemas da sociedade actual, tais como o problema do meio ambiente, o qual, por culpa dos capitalistas, se torna uma catástrofe social, o problema do esgotamento dos recursos energéticos e das matérias-primas utilizadas sem precaução pelas multinacionais, o problema da fome e das doenças nos países em vias de desenvolvimento, etc.

A classe operária mundial coopera com os movimentos revolucionários de todo o mundo. Forma com eles uma aliança contra o imperialismo, pela libertação nacional e social. A sua solidariedade é a garantia do futuro desenvolvimento do processo revolucionário mundial.

A lógica objectiva das contradições capitalistas e da luta das classes leva os operários, com crescente insistência, a abordarem os problemas fundamentais da evolução social e das suas transformações. Conduzem a luta de greves contra a exploração, o desemprego, a carestia da vida, as tentativas para os fazer suportar os custos da crise económica, ao mesmo tempo que reivindicam a nacionalização dos monopólios e dos bancos, etc. Nos principais países capitalistas, a classe operária é decididamente a força motriz e mobilizadora da luta revolucionária e de todo o movimento democrático anti-imperialista.

O movimento operário contribui consideravelmente para a luta dos povos da Ásia, da África e da América Latina pela liquidação do neocolonialismo e por uma real independência. Ajuda activamente a dominar as forças mais reaccionárias do imperialismo e dos seus blocos e a conferir à coexistência pacífica um carácter duradouro. A luta da classe operária, nestes últimos anos, orientou-se nomeadamente contra a corrida aos armamentos e contra a vontade do

imperialismo americano de transformar não apenas este ou aquele país como regiões inteiras em seus reféns nucleares.

Actualmente, a classe operária tem uma responsabilidade particularmente importante nos destinos da humanidade. Libertando-se a si mesma, liberta toda a humanidade.

A análise da situação actual do movimento revolucionário mundial prova que o factor subjectivo desempenha um papel cada vez maior no seu desenvolvimento, assim como na solução dos problemas que se levantam na luta das classes e na situação internacional. Isto significa a vontade, a disponibilidade e a capacidade da classe operária e das mais amplas massas populares de travar a luta contra o imperialismo, pela vitória da paz, da democracia e do socialismo no mundo inteiro. O movimento comunista desempenha um importantíssimo papel na preparação destas forças para o cumprimento da sua difícil tarefa.

O movimento comunista mundial conta actualmente mais de 80 milhões de membros em cerca de 100 países. Os partidos comunistas irmãos dos países socialistas dirigem a edificação da nova sociedade, cumprem difíceis tarefas na formação e na gestão da economia socialista, da ciência, da cultura, das relações sociais socialistas, da democracia e da educação comunista.

Nos países capitalistas europeus encontram-se organizados mais de 3 milhões de comunistas, os quais orientam os trabalhadores na luta pela defesa das conquistas operárias e contra os ataques do capital nacional e transnacional, procuram assegurar a cooperação dos trabalhadores que ainda seguem os partidos reformistas, alargam e aprofundam a sua influência sobre as massas de camponeses, da pequena burguesia, da *intelligentsia* e dos quadros.

Os partidos irmãos na América Latina são um importante componente do movimento comunista mundial. Em 26 países agrupam cerca de um milhão de comunistas. O seu número e a sua influência aumentam progressivamente.

Torna-se cada vez mais persistente e mais eficaz a sua luta contra o imperialismo, nomeadamente contra os EUA e o seu sustentáculo — a oligarquia local —, contra os regimes fascistas e outros regimes ditatoriais, pela consolidação da independência económica e nacional, por transformações sociais profundas, pelos direitos económicos e interesses dos trabalhadores e por uma política externa pacífica. Apesar das difíceis condições nas quais se desenrola o trabalho de muitos deles, os comunistas representam um poderoso factor que influencia o desenvolvimento destes países e mobiliza as forças anti-imperialistas.

Mesmo na Ásia, na sua parte não socialista, existem 20 partidos comunistas com mais de um milhão de membros, ao passo que em África, onde 10 partidos comunistas contam com cerca de 70 000 membros, cresce a influência dos comunistas na luta pela liquidação definitiva do colonialismo, pela independência económica e política e pelo desenvolvimento progressista dos países. Este facto manifesta-se na criação de amplas coligações das forças democráticas e anti-imperialistas, assim como no fortalecimento da aliança com os democratas revolucionários.

A influência do movimento comunista aumenta à escala mundial. Representa cada vez mais visivelmente não só a classe operária e os trabalhadores mas também toda a humanidade progressista. Os comunistas influenciam a política internacional e são os combatentes mais consequentes pela paz e pela segurança dos povos, pela democracia, pela libertação nacional e social e pelo socialismo. Actualmente, nenhuma questão internacional de interesse fundamental pode ser resolvida sem se tomar em consideração a atitude do movimento comunista. Uma das principais questões no momento presente é a necessidade de unificar o movimento anti-imperialista e as outras forças na luta pela realização de profundas transformações económicas, sociais e políticas.

Os comunistas devem resolver todo um conjunto de tarefas históricas urgentes, e a perspectiva das transformações revolucionárias no mundo, o desenvolvimento da evolução social e o destino da civilização dependem directamente da sua solução. Os comunistas cooperam mais intensamente com as outras forças democráticas no interesse da solução dos problemas mais candentes da época actual. A base da unidade de acção de todas as forças de esquerda nas questões concretas alarga-se progressivamente. Isto manifesta-se na criação da unidade «de base», assim como «de cúpula», e em certas modificações nas relações entre os comunistas e os sociais-democratas.

Actualmente, o movimento comunista é a força política ideológica mais influente e a vanguarda do movimento operário e de todas as forças do processo revolucionário mundial. Isto acontece não só por exaltar a necessidade objectiva e historicamente lógica da transformação social do mundo como também porque a dirige. Ao definirem as alternativas democráticas e anticapitalistas, os comunistas criam as condições necessárias para a activação das mais amplas camadas dos trabalhadores.

O movimento comunista mundial atravessa um período de acumulação do seu potencial, um período de preparativos para um avanço de grande significado. Não é uma situação fácil.

A nossa época caracteriza-se pelo progresso dos movimentos democráticos de massas no mundo não socialista. Trata-se de um importante factor da vida internacional que permite elevar as massas populares ao nível da luta de classes consciente e que desperta a actividade revolucionária dos trabalhadores. Trata-se de um novo fenómeno do processo revolucionário mundial, e os partidos comunistas devem tomá-lo em consideração na sua estratégia e na sua táctica.

Já V. I. Lénine provou que, durante o desenvolvimento do movimento revolucionário da classe operária, a luta pela

democracia se torna parte integrante da luta pelo socialismo, pois a luta pela democracia, assim como a luta pelo socialismo, encontram-se na base das contradições antagónicas do sistema social e aproximam-se pelas suas forças motoras. A luta democrática é um importante factor da formação do exército político da revolução socialista. O Programa do PCUS generalizou teoricamente esta relação, ao tomar em conta as condições actuais, e concluiu que entre as principais forças revolucionárias da época actual figuram igualmente os movimentos democráticos de massas do mundo não socialista. Trata-se de um complemento importante e indispensável, pois os movimentos das amplas massas populares tornaram-se um factor influente e duradouro da vida social e política.

A luta democrática engloba todas as espécies de protestos sociais das massas populares contra os sintomas mais reaccionários do sistema de exploração, mesmo que o seu objectivo não constitua a sua liquidação directa. Esta luta pode desenvolver-se tanto sob a direcção da classe operária como através da união das forças democráticas.

A luta democrática orienta-se para transformações sociais no quadro do sistema capitalista e para a solução das suas contradições mais exacerbadas. No decorrer do seu aprofundamento e do seu alargamento, a classe operária e os seus aliados podem chegar à revolução socialista.

Os actuais movimentos democráticos limitam as manifestações reaccionárias do imperialismo, influenciam as alterações da relação de forças de classe no mundo, activam a luta anti-imperialista pela salvaguarda da humanidade perante a hipótese de uma catástrofe nuclear e pela realização da libertação social dos trabalhadores.

Os movimentos democráticos de massas reflectem um novo exacerbar das contradições do capitalismo, o fortalecimento dos ataques da burguesia monopolista contra os direitos e as liberdades dos trabalhadores, uma mais intensa

restrição da democracia burguesa, já limitada, o aprofundamento da militarização e a degradação moral da sociedade, etc. Assistimos ao incessante nascimento de novas correntes e organizações democráticas que participam na luta contra a ameaça nuclear, contra a corrida aos armamentos, pela salvaguarda e consolidação da paz. Novas formas de movimento contra a guerra nascem em todo o mundo: importantes manifestações pela paz, marchas da paz, manifestações contra a guerra, festas da paz, recolhas de assinaturas, greves de aviso, ocupação das bases militares americanas, proclamação de zonas e de cidades desnuclearizadas, etc.

A importância humanitária deste movimento reside também no facto de se esforçar por resolver numerosos problemas verdadeiramente dramáticos dos países libertados, nos quais 400 milhões de pessoas sofrem sistematicamente de fome, 100 milhões de crianças estão ameaçadas de morrerem de fome, 30% das crianças não têm possibilidade de frequentar a escola, ao passo que 800 000 milhões de dólares são gastos anualmente no mundo com fins militares.

Na época actual, o processo revolucionário mundial adquire um carácter global. Os movimentos democráticos que sofrem a influência do socialismo mundial, do movimento comunista e operário mundial, enfraquecem, assim, as bases reaccionárias do imperialismo, influenciam a relação de forças de classe no mundo e contribuem desta forma para a criação de uma situação internacional favorável ao desenvolvimento do progresso social mundial.

As forças revolucionárias do mundo permitem-nos avançar para a época em que o socialismo se tornará o sistema social predominante na Terra e trará a toda a humanidade a paz, a liberdade, a igualdade e o bem-estar. Os comunistas da União Soviética destacaram-se pelo muito que já

fizeram pela realização destes grandiosos objectivos e pelo muito que ainda farão no futuro. Graças a eles, pela primeira vez na história do mundo, os esforços desenvolvidos pela realização destes novos objectivos transformaram-se de uma expectativa num programa político preciso e claro e numa luta eficaz travada por milhões de pessoas. É indiscutível que as vitórias parciais conduzirão à vitória completa da paz e do socialismo.

IV. MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E LUTA PELA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

A vitória da Grande Revolução de Outubro deu um enorme impulso ao movimento de libertação nacional em todo o mundo. O primeiro Estado socialista realizou, na prática e pela primeira vez na história da humanidade, o direito dos povos à autodeterminação e à soberania, libertou as nações oprimidas pelos tsares e criou um Estado multinacional baseado nos princípios da igualdade em direitos, da fraternidade e da cooperação. O decreto de Lénine sobre a paz levantou a questão da libertação de todos os povos oprimidos pelos países imperialistas, os quais dominavam, no princípio da Primeira Guerra Mundial, sob a forma de colónias, protectorados, esferas de influência e territórios tutelados, 72% da superfície e 69% da população do globo. A derrota dos agressores fascistas na Segunda Guerra Mundial, alcançada graças ao papel decisivo da União Soviética, a vitória das revoluções socialistas noutros países e a criação de um sistema socialista mundial foram os factores internacionais decisivos que sustentaram e aceleraram de forma considerável as lutas de libertação nacional nos países coloniais ou dependentes.

A Organização das Nações Unidas adoptou em 1960, por iniciativa da URSS, a histórica declaração sobre a concessão da independência aos países e aos povos coloniais. A poderosa vaga das lutas de libertação nacional desagregou o sistema colonial do imperialismo. Cerca de dois terços dos 170 Estados existentes nasceram sobre as ruínas dos impérios coloniais. A eliminação do sistema colonial representa um importante marco histórico na evolução de povos de centenas de milhões de indivíduos, e as suas consequências influenciaram profundamente a evolução de todo o nosso planeta. O nascimento e o progresso do socialismo anunciaram, assim, o início da era de libertação e do renascimento dos povos oprimidos pelo imperialismo.

A supressão da dominação imperialista exerceu uma considerável influência sobre o desenvolvimento interno dos novos Estados, assim como sobre a sua posição na arena internacional. A maioria destes Estados desembaraçaram-se do jugo político-militar do imperialismo, mas continuaram a fazer parte da economia capitalista mundial e continuam a formar a sua «periferia» atrasada e explorada. Por si mesma, a constituição de Estados soberanos não pôde resolver os graves problemas económicos e sociais existentes, os quais, pelo contrário, se manifestaram ainda com mais acuidade. As antigas metrópoles e outros países imperialistas, nomeadamente os EUA, abusaram da fraqueza dos jovens Estados para limitar a sua recente soberania, para preservar e alargar os seus privilégios e instaurar o seu domínio sob novas formas neocolonialistas. Assim, o processo de libertação nacional dos povos que vivem nas antigas

colónias ou em países dependentes não terminou com a criação de novos Estados politicamente soberanos. Deu início a uma nova etapa, orientada para a libertação económica do sistema imperialista, para a consolidação da soberania política, para o renascimento nacional e para o desenvolvimento multiforme. Também se mostra cada vez mais importante resolver certos problemas sociais urgentes. A actual luta de libertação nacional enfrenta, nas novas condições internacionais, e graças à nova relação de forças no mundo, novas perspectivas históricas, entre as quais se incluem a eliminação de todas as formas de opressão, não apenas nacional como social e de qualquer outra natureza. Assume doravante a forma de uma corrente revolucionária poderosa, na qual se entrelaçam as tarefas de libertação nacional, democrática, social, etc.

Depois de vários anos de independência, são numerosos os antigos países coloniais que obtiveram notáveis êxitos na edificação económica, social e cultural e na consolidação do papel do Estado. O aumento da sua participação na política mundial e na economia internacional tornou-se um dos traços característicos da nossa época e foi possível abrir uma brecha importante na estrutura política do neocolonialismo. Neste aspecto, revestiu-se de decisiva importância a vitória do povo da Indochina sobre os EUA. Desmoronaram-se numerosos regimes fantoches pró-imperialistas e blocos militares, tais como a OTASE e a CENTO. Os imperialistas foram obrigados a desmantelar uma parte das suas bases militares e a retirar as suas forças armadas de certos territórios. As tentativas das forças reaccionárias e do imperialismo, com vistas a deter os processos revolucionários em Angola, na Etiópia e no Afeganistão sofreram uma esmagadora derrota. Os povos árabes e outros recusaram-se a reconhecer os acordos de Camp David, considerando-os como um instrumento dos EUA, do sionismo e da reacção árabe. À frente da luta activa contra o

imperialismo colocou-se a América Latina, tal como o testemunha a vitória alcançada pelos povos de Cuba e da Nicarágua. Ao mesmo tempo, aumentou o número dos países que escolheram o caminho para o socialismo. A luta de libertação nacional adquiriu dimensões claramente internacionais. Estão em vias de se formar diversas organizações destinadas a coordenar a luta pela independência e que agrupam sob diferentes formas a maioria esmagadora dos países em vias de desenvolvimento. O Movimento dos Países Não-Alinhados conta actualmente com mais de 100 membros e o chamado Grupo dos 77 engloba 125. Desempenham um importante papel certos grupos regionais e outros agrupamentos e organizações, tais como a OUA, o Grupo de Contadora, o Grupo de Nova Deli, etc. Apesar do carácter muito complexo e contraditório do processo de libertação nacional, o qual comporta êxitos, assim como derrotas temporárias (Egipto, Chile, Granada, etc.), constata-se no conjunto que a independência política dos jovens países pode cada vez mais apoiar-se nos instrumentos e instituições que eles próprios criaram.

Também se verificaram alterações radicais no domínio económico, para o qual se deslocou progressivamente o centro de gravidade da luta de libertação nacional. A poderosa vaga de nacionalização dos monopólios atingiu mais de 70 países. É preciso constatar que nem sequer poupou as multinacionais mais importantes, incluindo as «sete irmãs do petróleo». No decurso dos últimos 20 anos, o volume da produção dos países em vias de desenvolvimento aumentou 3,5 vezes. Ao mesmo tempo ganhou mais vulto a sua participação na produção mundial de máquinas, equipamentos mecânicos, meios de transporte, máquinas-ferramentas, produtos siderúrgicos, etc. Esta evolução positiva, que reflecte a sua industrialização progressiva, mostra-se, no entanto, muito heterogénea e variada nos diferentes países e regiões e conhece grandes flutuações devido às

crises económicas dos países imperialistas, cujos custos aqueles têm de suportar.

Contudo, os importantes êxitos alcançados por numerosos países em vias de desenvolvimento nos domínios económico, político, social e cultural e a sua participação mais intensa na política e na economia mundiais não bastaram para resolver os problemas complexos e agudos herdados do passado colonial e aprofundados pela política do neocolonialismo. Alguns desses problemas agravaram-se ainda mais nos últimos tempos e assumem neste momento o carácter de uma crise aguda que, tal como uma nuvem sombria, invade uma grande parte do Terceiro Mundo.

No início dos anos 80, o imperialismo, encabeçado pelos EUA, lançou contra as forças de libertação nacional um vasto contra-ataque com o objectivo de «desagregar» as conquistas já alcançadas e obter uma desforra política e social, uma ofensiva, com vistas a impedir os países em vias de desenvolvimento de seguirem a via do socialismo. A força de choque do neocolonialismo é representada nos nossos dias pelas sociedades multinacionais, as quais controlam cerca de uma quinta parte do produto nacional bruto, um terço da produção industrial, mais de metade do comércio externo e quatro quintos das patentes referentes à técnica e à tecnologia em vigor no mundo capitalista. O seu núcleo é formado pelo capital americano. As multinacionais americanas controlam cerca de dois terços da produção industrial do conjunto dos países em vias de desenvolvimento e metade das suas trocas comerciais. Frequentemente, as multinacionais apoderam-se dos sectores-chave da economia nacional dos países que

as acolhem, realizam lucros excepcionais e abusam das suas posições favoráveis para influenciarem noutras esferas a evolução dos países em vias de desenvolvimento. Um dos instrumentos mais perigosos actualmente utilizados pelo imperialismo consiste no endividamento dos países em desenvolvimento, o qual ultrapassa já um bilião de dólares, e naquilo a que se chama «serviço das dívidas», o qual absorve um terço ou mesmo mais das suas receitas de exportação. Os EUA e outros países imperialistas, assim como as organizações financeiras internacionais que eles controlam, recusam-se a tomar medidas positivas susceptíveis de permitirem uma verdadeira solução deste problema. Muito pelo contrário, esforçam-se por utilizá-lo como um instrumento eficaz para facilitar a sua ingerência nos assuntos internos dos países devedores (tal como o confirma a atitude adoptada pelo Fundo Monetário Internacional), com o objectivo de «eternizar» a sua situação de dependência. Eis o verdadeiro conteúdo do Plano Baker de Outubro de 1985, o qual recebeu o nome do ministro das Finanças dos EUA, assim como de outras medidas, as quais procuram unicamente assegurar o pagamento das dívidas e não uma solução dos problemas existentes nem o desenvolvimento económico. Pretende-se que este seja assegurado por investimentos estrangeiros privados, para os quais deve ser criado um «clima» favorável. No decurso dos últimos vinte anos, os países em vias de desenvolvimento perderam cerca de 700 000 milhões de dólares, o que corresponde a cerca de três quartos das suas dívidas externas, devido a numerosas acções discriminatórias, ao proteccionismo, às elevadas taxas de juro, à regulamentação dos preços do mercado internacional e a outras formas de intervenção. O volume dos meios retirados todos os anos sob as mais diversas formas pelo imperialismo ultrapassava em meados dos anos 80 a soma de 200 000 milhões de dólares. A exploração neocolonialista tem para os países em vias de desenvolvimento nefastas consequências.

O abismo entre os países imperialistas e os países em vias de desenvolvimento não foi ultrapassado pela libertação destes últimos, mas, pelo contrário, tornou-se ainda mais profundo. O mundo em desenvolvimento transformou-se uma imensa região de miséria, que envergonha toda a humanidade e que representa um dos mais graves problemas globais.

O principal objectivo do imperialismo no domínio militar e político consiste na instauração sob formas modernizadas do domínio dos EUA e de outros países imperialistas sobre os países da Ásia, da África e da América Latina. Para este fim é aplicado um sistema ramificado de métodos «delicados», ou mesmo de métodos e de instrumentos abertamente violentos. Ocupa nestes últimos tempos um lugar cada vez mais importante o terrorismo internacional sob diferentes formas, o qual foi incorporado na política oficial dos governos dos EUA e dos seus aliados, incluindo Israel e a República da África do Sul. O mesmo representa um instrumento prioritário da política do neoglobalismo, a qual se esforça por liquidar as forças de libertação nacional e revolucionárias e por instaurar a hegemonia mundial dos EUA. Não existe um único país de orientação socialista contra o qual não tenham sido conduzidos pelo imperialismo e pelas forças reaccionárias ataques brutais com o objectivo de desestabilizar e de impedir a sua evolução progressista. Como exemplos eloquentes da política de terrorismo de Estado e de exportação da contra-revolução podemos citar a guerra não declarada contra a revolução afegã e contra o Kampuchea, os ataques que ameaçam a integridade territorial e a segurança de Angola, de Moçambique e de outros países da Frente Africana, as agressões cada vez mais frequentes contra a Nicarágua, a participação das forças imperialistas nas medidas repressivas tomadas contra a luta do povo árabe da Palestina, o apoio às forças reaccionárias do Salvador e de outros países, os *raids* aéreos terroristas contra a Líbia, etc. Depois da Segunda Guerra Mundial, já se registaram

mais de 200 conflitos armados e confrontações militares no território de 69 países, na maior parte dos casos em países em vias de desenvolvimento. Estas acções, nas quais participaram 89 Estados, provocaram a morte de mais de 10 milhões de pessoas. Os imperialistas mancharam as suas mãos na maioria destes conflitos armados. Procuram avivá-los e servem-se deles para facilitar a sua ingerência nos assuntos internos de Estados soberanos. O mais importante dos agressores são os EUA, país que se esforça por assumir a função de «polícia do mundo». Os Estados Unidos instalaram cerca de 1500 bases e instalações militares no território de 32 países e mantêm mais de um milhão de soldados, permanentemente, em mais de 100 países. Além disso, criaram unidades de intervenção armada equipadas com armas nucleares e outras, destinadas a uma intervenção rápida nas regiões «de crise», sob o pretexto de que os seus «interesses vitais» se encontram ameaçados.

O imperialismo desencadeou contra os países em vias de desenvolvimento acções de diversão ideológica maciças e uma guerra psicológica que faz parte da «cruzada geral» conduzida contra a liberdade e o progresso do mundo. O imperialismo da informação esforça-se por camuflar a verdadeira essência da expansão imperialista e por transferir a responsabilidade da tensão internacional e dos conflitos para a URSS, para Cuba, para o Vietname, para a Nicarágua e para outros países, acusando as suas forças de libertação nacional e progressistas com o objectivo de justificar o seu «direito» à intervenção e à exportação da contra-revolução. São cada vez mais utilizadas campanhas para a preparação de acções agressivas directas conduzidas pelo imperialismo, por exemplo contra a Líbia.

A luta anti-imperialista travada pelos povos depois da desagregação do sistema colonial e do nascimento de novos Estados independentes não se atenuou, tal como fora previsto pelos estrategos ocidentais, mas pelo contrário continuou a desenvolver-se com novas prioridades e sob novas formas. Actualmente, esta luta caracteriza-se pelas seguintes orientações principais:

— pela paz e pela segurança dos povos, contra a exportação e a escalada do militarismo, incluindo a militarização do espaço, pelo desarmamento e desanuviamento internacional à escala mundial e internacional;
— contra os vestígios do colonialismo tradicional e contra as tentativas dos imperialistas de conservarem ou instaurarem a supremacia colonial sob formas novas e camufladas;
— pela consolidação da soberania e da independência, contra a política neocolonialista de intervenção e de *diktat*, contra o terrorismo internacional;
— pela eliminação da dependência económica dos países em vias de desenvolvimento em relação ao imperialismo, pela segurança económica, pela liquidação do atraso social e económico, pelo progresso universal e por uma Nova Ordem Económica Internacional;
— pela descolonização nos domínios ideológico e cultural, contra o imperialismo da informação e a «guerra psicológica», pela realização da revolução cultural e pela adopção de uma Nova Ordem Mundial da Informação;
— por profundas transformações socioeconómicas, pela libertação social e pelo progresso social;
— pela criação de condições internacionais favoráveis ao desenvolvimento destes processos revolucionários, pelo fortalecimento da frente anti-imperialista e da unidade

dos países em vias de desenvolvimento de todo o mundo, pela sua cooperação com os países do socialismo verdadeiro e pela união das forças do progresso social e de libertação nacional.

Os povos do mundo em vias de desenvolvimento participam cada vez mais activa e eficazmente na solução do problema crucial dos nossos dias: o da guerra e da paz. São cada vez em maior número as pessoas que se apercebem do facto de que a luta contra a fome e pelo desenvolvimento económico, social e cultural se encontra cada vez mais estreitamente ligada à luta pelo desanuviamento e pelo desarmamento, contra a «exportação» e a escalada do militarismo. Aumenta continuamente a resistência contra as tentativas de arrastar os países em vias de desenvolvimento para blocos político-militares e contra a presença de forças militares nos seus territórios. Também são hoje em dia muito populares as exigências com vistas à criação de zonas desmilitarizadas e de zonas de paz.

Os países em vias de desenvolvimento travam uma luta pertinaz pela descolonização económica e pela instauração de uma Nova Ordem Económica Internacional. Infelizmente, a sua realização prática só tem avançado muito lentamente desde meados dos anos 70, sobretudo devido à sabotagem exercida pelos países imperialistas. No decurso dos anos 80, a luta pela reconstrução concentrou-se na solução do problema das dívidas ao estrangeiro. Assistimos à progressiva apresentação de exigências concretas e vemos desenhar-se uma plataforma comum dos países em vias de desenvolvimento. Por enquanto esta plataforma é ainda muito heterogénea, mas apesar disso começa já a libertar-se, em determinados aspectos, do quadro no qual opera o mecanismo do capital internacional. Estas exigências defrontam a encarniçada resistência do imperialismo, nomeadamente dos EUA, e a sua força é minada pelas atitudes de compro-

misso de uma parte dos meios dirigentes dos países em desenvolvimento. No entanto, é legítimo esperar que as atitudes de todos estes países continuem a conjugar-se no decurso da luta pela descolonização económica, tanto no que se refere ao endividamento como no que respeita às outras questões que interessam a Nova Ordem Económica Internacional, na base de uma plataforma patriótica e anti-imperialista.

A luta pela descolonização desempenha um papel cada vez mais importante nos domínios ideológico e cultural pela eliminação do analfabetismo e do baixo grau de instrução, e o mesmo acontece no que respeita à luta contra o imperialismo cultural e da informação. Ao longo dos anos foi elaborado o plano de uma Nova Ordem Mundial da Informação, o qual foi formulado em 1976 pelo Movimento dos Países Não Alinhados. Mais tarde chegaram a ser tomadas importantes medidas destinadas a permitir a sua concretização (a fundação da Associação das Agências de Informação dos Países Não Alinhados e de associações regionais). No seio da UNESCO trava-se uma dura luta por uma Nova Ordem Mundial da Informação.

Nestes últimos tempos são numerosas as questões sociais de importância crucial que figuram em primeiro plano, tais como as da fome, das doenças, da mortalidade elevada, do desemprego maciço, da habitação, do analfabetismo, do atraso na instrução, etc. Em numerosos países vive-se uma crise social aguda acompanhada por uma forte tensão social e política e que exige transformações radicais. Cerca de duas dezenas de países seguiram a via para o socialismo. Sob a direcção de partidos revolucionários democráticos, alguns dos quais se esforçam por orientar as suas actividades de acordo com os princípios do socialismo científico, realizam-se em vários países profundas transformações sociais, económicas e políticas, tanto no plano interno como no que se refere às suas relações com o estrangeiro. A evolução progressista

decorre em condições muito difícies, tanto no plano interno como no externo. A economia dos países em vias de desenvolvimento faz ainda parte da divisão internacional capitalista do trabalho e continua a crescer a pressão exercida pela reacção internacional e pelo imperialismo, encabeçado pelos EUA. Os resultados concretos obtidos por diferentes países não são os mesmos e tanto se verificam êxitos como fracassos, ou uma estagnação. Contudo, no conjunto, é possível constatar que o caminho da renovação social e do progresso corresponde aos interesses reais das massas trabalhadoras, que reflecte o seu desejo de viver num regime social verdadeiramente justo e que corresponde à principal tendência da evolução histórica.

No decorrer dos setenta anos que se passaram desde a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, as relações entre o socialismo mundial e a luta de libertação nacional, assim como entre os países da comunidade socialista e o mundo em vias de desenvolvimento, alargaram-se e aprofundaram-se consideravelmente. Nos nossos dias, representam uma das mais importantes esferas das relações internacionais e têm uma importância essencial, não só para a consolidação da independência dos povos como também para o saneamento das relações internacionais e para a salvaguarda da paz. Daí que o novo texto do Programa do PCUS, datado de 1986, sublinhe que «a aliança das forças do progresso social e das forças de libertação nacional é a garantia de um melhor futuro para a humanidade». Ultimamente, estas relações continuam a desenvolver-se e revestem-se de formas variadas nos domínios político, da defesa, económico, ideológico e internacional. Os países socialistas têm a mais alta consideração pelo Movimento dos Países Não Alinhados, como força anti-imperialista em luta pela paz, assim como pela actividade positiva da OUA, do Grupo de Contadora, do Grupo de Nova Deli e ainda de outras forças. Procuram igualmente impor o aumento de participação dos

países em vias de desenvolvimento na política e na economia mundiais, assim como na solução dos problemas cruciais da nossa época. Apoiam a sua justa luta pela descolonização económica, pela eliminação da pesada carga das suas dívidas externas e pela instauração da Nova Ordem Económica Internacional. A URSS formulou a exigência da garantia da segurança económica e internacional, a qual tem uma importância muito particular, nomeadamente para os países em vias de desenvolvimento. A independência económica e o desenvolvimento dos diferentes países encontram-se directamente ligadas, de acordo com esta concepção, às relações económicas internacionais, assim como à situação geral do mundo e, em primeiro lugar, à salvaguarda da paz, à segurança internacional geral e à suspensão da desenfreada corrida aos armamentos. Foi por este motivo que o XXVII Congresso do PCUS decidiu tomar medidas de grande alcance nos domínios militar, político, económico e humanitário. O princípio «o armamento em lugar do desenvolvimento», imposto ao mundo pelo imperialismo, deve ser substituído por uma atitude oposta, isto é, pelo «desarmamento ao serviço do desenvolvimento». Os países socialistas ajudam os países em vias de desenvolvimento a desenvolver a sua própria economia, a recuperar o seu atraso económico e eliminar a sua dependência em relação aos países capitalistas. No início de 1986, os países membros do CAME já tinham fornecido aos países em desenvolvimento cerca de 3850 instalações industriais completas, das quais 1950 na Ásia, 1700 em África e 200 na América Latina. Estão em vias de edificação ou de estudo cerca de outras 1050 instalações completas (550 na Ásia, 450 em África e 50 na América Latina). Ao mesmo tempo, assistimos ao intenso desenvolvimento da cooperação em prol da descolonização dos domínios da ideologia, da cultura e da informação, da luta contra o imperialismo cultural e da informação e da edificação da Nova Ordem Mundial da

Informação. Os países socialistas denunciam a política imperialista de recrutamento dos quadros (fuga de cérebros) e fornecem aos países em vias de desenvolvimento uma eficaz ajuda que permite a formação dos seus quadros nacionais. No decurso dos numerosos anos de cooperação sob as mais variadas formas, no domínio do ensino e da educação extra-escolar, mais de um milhão de indivíduos provenientes de mais de 100 países em desenvolvimento receberam nos países socialistas uma formação especial com vistas ao aumento da sua qualificação.

Nestes sete decénios da nossa era foram realizadas sobre os imensos territórios da Ásia, da África e da América Latina transformações históricas de grande alcance. O movimento de libertação nacional inspirado pelo exemplo da Grande Revolução Socialista de Outubro e pelos êxitos alcançados na edificação do socialismo na União Soviética e noutros países socialistas conheceu um assinalável progresso. Rompeu as cadeias do colonialismo e representa actualmente uma força importante na luta pela paz e contra o imperialismo, exercendo uma influência determinante na evolução de todo o mundo. Ao mesmo tempo, registaram-se profundas mudanças na mentalidade e na actividade de centenas de milhões de habitantes dos antigos países coloniais ou dependentes, aumentou a sua confiança nas suas próprias possibilidades e transformou-se a sua filosofia política, assim como a sua compreensão da realidade. Desta forma o socialismo que se enraizou na União Soviética e nos outros países socialistas, e que materializa as grandes ideias instauradas pela Grande Revolução Socialista de Outubro, contribui pelo seu exemplo e pela sua ajuda concreta para a transformação dos países que eram outrora simples objectos do domínio e da exploração colonialistas em criadores de uma vida nova, participando activamente nos acontecimentos mundiais e na política internacional e progredindo incessantemente, apesar das enormes dificuldades que encontram, no caminho do desenvolvimento e do progresso social.

V. A NOSSA ÉPOCA E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA DOS POVOS

Nos setenta anos decorridos desde a Grande Revolução Socialista de Outubro, tornou-se realidade o eterno desejo das massas trabalhadoras exploradas e dos povos oprimidos de conhecerem uma vida melhor, um mundo mais justo e uma sociedade de humanismo autêntico. Graças ao seu exemplo, o socialismo demonstra de forma cada vez mais eloquente as vantagens da nova ordem social em relação ao sistema explorador e caduco. O sistema socialista tornou-se o mais importante sustentáculo das forças pacíficas mundiais, que justamente o consideram como a principal garantia do direito fundamental do homem e da humanidade, o direito a viver em paz.

Actualmente, a humanidade atravessa um dos períodos mais difíceis da história moderna, no qual é preciso decidir acerca do caminho a tomar pelo mundo. Um dos caminhos possíveis é o da paz, da cooperação mutuamente vantajosa e da solução construtiva dos complexos e urgentes problemas, ao passo que o outro é o da confrontação, dos conflitos, da corrida aos armamentos, da tensão e da perspectiva de uma catástrofe nuclear mundial.

O mundo dos nossos dias é muito complicado, multiforme e dinâmico. Caracteriza-se por tendências contraditórias, divergências e alternativas, assim como por novas possibilidades e novos perigos, receios e esperanças. Verifica-se o desenvolvimento paralelo, a interacção e o entrelaçar cada vez mais intensos de dois grandes processos mundiais, isto é, a revolução socialista mundial e a revolução científica e técnica, as quais influenciam directa ou indirectamente a sorte de toda a humanidade, de todos os povos e de todos os países. A revolução socialista mundial, iniciada pela Grande Revolução Socialista de Outubro, é constituída por três grandes componentes. Em primeiro lugar, pelas revoluções socialistas profundas que libertaram as massas trabalhadoras da exploração do homem pelo homem. Em segundo lugar, pelas revoluções anticoloniais de libertação nacional que desagregaram todo o sistema colonial, suprimiram o domínio de centenas de milhões de habitantes dos antigos países coloniais e não autónomos pelo imperialismo e favoreceram o nascimento de jovens Estados soberanos. Em terceiro lugar, é constituída por todas as espécies de movimentos e de forças que lutam contra a guerra, pela democracia e pelos direitos dos povos e dos trabalhadores, cuja importância aumentou extraordinariamente, sobretudo nos tempos mais recentes. Todos estes movimentos e forças representam no seu conjunto uma corrente social muito forte e multifacetada, a qual engloba a luta pelo progresso social, pela paz, pela independência dos povos e pela democracia das massas populares.

A revolução científica e técnica radical caracteriza-se pelo seu grande dinamismo e nos últimos anos conheceu um apro-

fundamento e aceleração consideráveis. Abriu à humanidade a era nuclear e cósmica e inicia actualmente uma nova etapa, caracterizada por transformações qualitativas na aplicação prática dos resultados obtidos na microelectrónica, na astronáutica, na biotecnologia, na informática e na produção de energia termonuclear. A avalanche de descobertas científicas e a sua aplicação maciça na prática fazem desaparecer os processos que se tinham desenvolvido durante séculos e substituem-nos por tecnologias modernas de novos sectores e de novas esferas de actividade humana.

Estes processos provocam profundas transformações na vida dos homens. Tanto na vida interna dos países como na arena internacional ganham relevo novos factores económicos, políticos, científico-técnicos e espirituais, ao mesmo tempo que se aprofunda a interdependência dos Estados e dos povos. Registaram-se transformações não só no mapa político do mundo e no modo de vida de centenas de milhões de indivíduos e de diversos países, povos e continentes, como também nas condições do seu desenvolvimento num futuro próximo e longínquo. Através dos seus resultados, estes processos continuarão a influenciar indiscutivelmente a evolução no decurso do século XXI e também modificarão sensivelmente os problemas e as tarefas a ser enfrentados pelas forças pacifistas, democráticas, de libertação nacional e progressistas do mundo inteiro.

As relações entre os países dos dois sistemas mundiais têm a maior importância para o destino da humanidade. Imediatamente depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro começou a manifestar-se a diferença essencial entre os dois sistemas no que respeita à avaliação dos acontecimentos e das perspectivas sociais mundiais. O capitalismo acolheu o nascimento do socialismo como um «erro histórico», o qual devia ser «corrigido» por todos os meios possíveis, incluindo a intervenção militar, o bloqueio económico, as sabotagens, as sanções e a recusa de qualquer

espécie de cooperação. No entanto, nada conseguiu impedir a consolidação do novo regime e do seu direito histórico à existência.

Apesar das condições particularmente difíceis causadas pelo caos económico, pelas consequências da guerra civil, pelas acções dos contra-revolucionários, pela sabotagem da burguesia e pelo atraso técnico, económico e cultural do país, o jovem Estado soviético derrotou a intervenção militar estrangeira e começou a edificar, num período historicamente muito curto, uma sociedade socialista, embora tivesse de enfrentar a pressão contínua do cerco capitalista e numerosas provocações militares e políticas. O novo regime foi submetido à dura experiência da Grande Guerra Pátria. O povo soviético deu mostras de um excepcional heroísmo e infligiu uma sangrenta derrota ao fascismo alemão, força de choque da reacção imperialista. Através da sua vitória, a URSS contribuiu decisivamente para a libertação dos povos europeus do jugo nazi e para a salvaguarda da civilização mundial. A derrota da Alemanha fascista e do Japão militarista criou novas condições que favoreceram a luta dos povos pela paz, pela democracia e pela libertação nacional e social. Em toda uma série de países da Europa, da Ásia e mais tarde também da América foram derrubados os governos exploradores e o socialismo instaurou um sistema socialista mundial. Desde o início que os jovens Estados socialistas foram submetidos à pressão multiforme do imperialismo, a começar pela pressão económica e pela diversão ideológica e terminando por tentativas directas de golpes de Estado contra-revolucionários e agressões militares (foi o caso da Coreia, de 1950 a 1953, da Hungria, em 1956, da RDA, em 1961, de Cuba, de 1961 a 1962, da Checoslováquia, em 1968, do Vietname, de 1946 a 1954 e de 1965 a 1975, etc). Os países socialistas não só resistiram à pressão como exerceram uma influência sempre crescente sobre a evolução mundial. Verificou-se uma considerável alteração da relação das

forças no mundo, favorável aos povos em luta pelo progresso social, pela democracia, pela libertação nacional e pela paz. A comunidade socialista é universalmente reconhecida como uma força indispensável à solução de todos os problemas da política mundial. Tornou-se um baluarte inabalável que assegura a paz sobre a Terra, um defensor consequente dos princípios da paz e da democracia nas relações internacionais, o mais sério obstáculo erguido no caminho da reacção imperialista.

Actualmente, uma das tendências mais significativas que se verificam é a crescente resistência oposta às tentativas de instauração de um monopólio nacional, estatal ou de outro tipo, à hegemonia e à supremacia. Torna-se cada vez mais profunda a consciência política dos povos e das forças pacifistas, democráticas, de libertação nacional e progressistas que lutam contra o imperialismo, pela cooperação pacífica e pela libertação nacional e social da humanidade. Não é apenas a produção que se internacionaliza como também toda a vida social, ao mesmo tempo que se alarga a cooperação nos domínios económico, político e ideológico. A função das relações internacionais modifica-se: enquanto no passado esta esfera era uma das principais origens de força dos exploradores e dos colonizadores, nos nossos dias a crescente união internacional e a solidariedade das forças pacifistas, de libertação nacional, revolucionárias, democráticas e progressistas do mundo inteiro encontram-se entre as fontes mais importantes da paz e do progresso mundial. Devido à internacionalização da evolução social e à interacção dos Estados, os problemas cuja solução interessa objectivamente a toda a humanidade ocupam um lugar cada vez mais importante nas suas relações. Trata-se, entre outros, da utilização dos recursos naturais, incluindo aqueles que se encontram no mar e no espaço, da solução dos problemas energéticos, das matérias-primas, dos produtos alimentares, dos problemas demográficos e ecológicos, da recuperação do atraso

económico e cultural, do desenvolvimento científico e técnico, etc. No entanto, o problema crucial dos nossos dias é, naturalmente, o da salvaguarda da civilização humana, o problema da guerra e da paz na era nuclear e cósmica. A solução de todos estes problemas exige a consequente edificação de uma nova dimensão das relações internacionais, uma cooperação internacional eficaz entre todos os países, independentemente do seu regime social.

No quadro da actual evolução do mundo, aumentam a informação e o desenvolvimento da consciência das amplas massas populares e a sua participação na solução dos problemas sociais mais importantes. Estes factos reflectem-se de forma significativa no domínio das relações internacionais e muito especialmente na perspectiva do problema da guerra e da paz. As informações verídicas sobre a Grande Revolução Socialista do Outubro e sobre o socialismo mundial representam hoje em dia uma arma poderosa na luta pela paz, pela libertação dos povos e pelo progresso social.

A própria questão da coexistência pacífica reveste-se de uma particular importância. Na opinião dos países socialistas não se trata apenas de um mundo sem guerras como também de uma ordem internacional onde a força militar não dominaria, mas onde seriam valorizadas as relações de boa vizinhança e de cooperação e se desenvolveriam em larga escala o intercâmbio das descobertas científicas e técnicas, assim como dos valores culturais, em benefício de todos os povos. Se fosse posto termo ao gasto das enormes somas consagradas para fins militares, os frutos do trabalho humano poderiam ser utilizados exclusivamente no cumprimento de tarefas criadoras. Neste caso, os Estados que enveredaram pela via de um desenvolvimento independente estariam protegidos contra as agressões e poderiam consagrar-se ainda mais ao seu desenvolvimento nacional e social. Seria igualmente possível criar condições favoráveis à solução em comum dos problemas globais. É possível

afastar a ameaça da guerra e salvar a humanidade ameaçada pelo apocalipse. Esta é a missão histórica do socialismo e de todas as forças progressistas e amantes da paz no nosso planeta.

Desta forma, a evolução objectiva da história colocou a geração actual perante dois problemas históricos fatídicos, o da guerra e da paz, do aniquilamento e da sobrevivência, e o do progresso social que permita a passagem a uma ordem social superior. Assim, a salvaguarda da paz é uma condição indispensável do progresso mundial. Sem isto, não se poderia falar de progresso social e sem a luta das forças progressistas que formam o núcleo da complexa luta pela paz não seria possível prosseguir até à vitória final.

As diferentes forças que participam na luta histórica pela paz e pelo progresso social são muito heterogéneas e o papel que desempenham nesta luta é bastante específico. Ao lado dos países socialistas, do movimento operário e comunista internacional e dos movimentos de libertação nacional cujo papel e luta foram descritos nos capítulos anteriores, é preciso mencionar o papel cada vez mais importante desempenhado pelos novos movimentos democráticos de massas nascidos no mundo não socialista. Estes últimos, os quais conheceram no decurso dos últimos anos um notável progresso, orientam-se objectivamente contra a política dos meios imperialistas reaccionários e reforçam a corrente da luta comum pela paz e pelo progresso social. Nestes movimentos de uma estrutura social muito heterogénea reflectem-se os protestos, tanto espontâneos como conscientes, contra o perigo da guerra. Ao mesmo tempo, formulam-se exigên-

cias cada vez mais enérgicas com vistas a deter a crescente militarização da sociedade, a suprimir o *diktat* das multinacionais, a pôr termo à política das guerras e das agressões, a criar zonas libertas de armas nucleares e químicas, etc.

Os países do sistema socialista mundial desempenham um papel decisivo na luta pela paz e pelo progresso social da humanidade. A eliminação das guerras e o desarmamento geral representam a missão histórica do socialismo, a qual decorre da sua própria substância. O primeiro documento publicado depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro foi o Decreto sobre a Paz, através do qual o governo operário e camponês propôs a todos os povos em guerra e aos seus governos a realização de um tratado de paz justa e democrática, sem anexações e indemnizações. Em seguida, o país dos sovietes realizou persistentemente o programa de paz formulado no decreto, durante toda a sua existência. A sua política externa defendeu desde o início não só a segurança do país como também os interesses dos trabalhadores e dos povos do mundo inteiro.

Na Conferência de Génova de 1922, a delegação soviética apresentou um programa detalhado para a consolidação da paz e da cooperação internacional no período do pós-guerra. Na Conferência de Genebra realizada em 1927 e 1928, a URSS apresentou pela primeira vez na história uma proposta concreta de desarmamento geral e completo, a qual foi, infelizmente, rejeitada (tal como as propostas ulteriores sobre um desarmamento parcial) pelos países capitalistas, mas este facto não reduziu de forma alguma a sua importância histórica. Nos anos 30, a ameaça de uma nova guerra pelos países fascistas acentuou-se. Assim, a URSS elaborou em 1933 uma concepção bem fundamentada de um sistema colectivo e eficaz de segurança colectiva na Europa, com o objectivo de salvaguardar a paz e de afastar o perigo de agressão através de esforços conjugados. No prosseguimento desta linha, a URSS tornou-se em 1934 membro da Socie-

dade das Nações e as suas actividades desempenharam um importante papel na mobilização da opinião pública contra a ameaça de uma nova guerra, pela paz e segurança e pela cooperação dos países de regimes sociais diferentes, com base nos princípios da coexistência pacífica. Em 1935, foram assinados tratados de assistência mútua franco-soviéticos e soviético-checoslovacos. A URSS esforçou-se igualmente por concluir um tratado do Pacífico com a participação dos EUA, da URSS, da China e do Japão. A atitude anti-soviética dos meios dirigentes dos países capitalistas impediu a instauração de um sistema de segurança colectiva e a exploração de certas possibilidades proporcionadas pela Sociedade das Nações. Pelo contrário, os meios atrás mencionados encorajaram, sob o pretexto da «salvaguarda da paz» e através da sua política de «apaziguamento», os agressores fascistas, contribuíram pela sua política de Munique para o reforço do poder dos Estados fascistas e, deste modo, para o desencadear da Segunda Guerra Mundial. No Verão de 1939 realizaram-se em Moscovo conversações anglo-francesas. A URSS esforçou-se também pela conclusão de um tratado de aliança com o objectivo de impedir a agressão fascista, mas as potências ocidentais aproveitaram-se das negociações para ganhar tempo e lançar a Alemanha nazi contra a URSS. Foi por este motivo que o governo soviético iniciou negociações com a Alemanha e concluiu com este país, em Agosto de 1939, um pacto de não agressão. Desta forma, não só impediu a criação de uma frente imperialista comum dos países fascistas e dos países da Europa Ocidental, que se formara em Munique contra a Checoslováquia, como além disso ganhou tempo para a consolidação da defesa da URSS. A política soviética em prol da segurança colectiva não impediu a agressão fascista contra a URSS, mas contribuiu de forma considerável para a decisão dos homens políticos realistas dos Estados capitalistas ameaçados pela agressão fascista de criarem, durante a

Segunda Guerra Mundial, uma coligação antifascista com a URSS, no quadro da qual foram dados alguns passos com vistas a garantir a segurança comum e a coexistência pacífica.

A vitória sobre o fascismo na Segunda Guerra Mundial, a qual se deveu, sobretudo, à URSS, provocou mudanças radicais na política, a economia e na ideologia mundial, assim como na consciência de milhões de indivíduos. A URSS apresentou um vasto programa de organização pacífica do mundo no pós-guerra, incluindo a conclusão de tratados de paz com a Alemanha, a Itália, o Japão e os seus aliados. Estimulados pelo temporário monopólio da bomba atómica pelos EUA, os imperialistas recusaram-se a reconhecer os princípios da coexistência pacífica e desencadearam a guerra-fria. Winston Churchill lançou no início de 1946 uma «cruzada» contra o socialismo e exigiu a instauração da supremacia americano-inglesa no mundo inteiro, e isto «não apenas na nossa época mas também nos próximos séculos». Em 1946, a URSS contrapôs ao programa de hegemonia imperialista um vasto programa de relações entre os países, baseado na igualdade em direitos e na cooperação amistosa e nos princípios de coexistência pacífica dos dois sistemas mundiais. Este programa contava com a continuação da cooperação das grandes potências que tinham ganho em conjunto a guerra, a competição pacífica dos países de regimes sociais diferentes, a consolidação da ONU, a retirada das forças armadas do território de outros países, a redução geral dos armamentos e a proibição das armas nucleares. Em 1948, a URSS apresentou na ONU uma proposta que solicitava aos membros permanentes do Conselho de Segurança que reduzissem no prazo de um ano de um terço as suas forças terrestres, navais e aéreas. A URSS prosseguiu a sua ofensiva de paz mesmo quando os EUA perderam o seu monopólio atómico e a invulnerabilidade do seu território. Em 1959, apresentou à ONU uma proposta pormenorizada respeitante ao desarmamento geral e com-

pleto e esforçou-se por garantir em diversas reuniões internacionais a realização dos seus diferentes aspectos. Em 1963 foi concluído entre a URSS, os EUA e a Grã-Bretanha o Tratado de Moscovo sobre a suspensão e a proibição das experiências nucleares na atmosfera, no espaço extra-atmosférico e submarino (ao qual não aderiram a França e a China), seguido em 1968 pelo tratado sobre a não proliferação das armas nucleares. Em 1970, a Assembleia Geral da ONU ratificou um tratado sobre a proibição de instalar armas nucleares e outras armas de destruição maciça no fundo dos mares e oceanos assim como no seu subsolo. No decurso dos anos 70, quando se verificou um desanuviamento internacional graças à mudança da relação das forças, prosseguiram as tentativas da URSS e de outros países socialistas com vistas à paz e ao desarmamento. Em 1971, no XXIV Congresso do PCUS foi aprovado um programa de paz especificando as principais tendências da luta pela paz, tanto no presente como nos anos vindouros. Este programa, que foi concretizado no decorrer dos anos seguintes, desempenhou um papel de enorme importância na luta mundial pela paz e pela segurança internacional. De 1970 a 1973, por exemplo, foram concluídos entre a URSS e outros países socialistas e a RFA acordos sobre a normalização das suas relações com base no reconhecimento da realidade territorial e política depois da Segunda Guerra Mundial. Em 1971 foi assinado entre a URSS, os EUA, a Grã-Bretanha e a França um acordo quadripartido sobre Berlim Oeste. Verificou-se igualmente uma assinalável melhoria nas relações entre a URSS e os EUA, expressa no decurso dos anos 70 pela assinatura de toda uma série de importantes documentos, tais como os Princípios das Relações Mútuas entre a URSS e os EUA, o Acordo sobre a Limitação das Armas Estratégicas Ofensivas; o Acordo sobre a Limitação das Redes de Mísseis Antibalísticos, o Acordo sobre as Medidas Destinadas a Permitir a Redução do Perigo de Uma

Guerra Nuclear, etc. A URSS e outros países socialistas desenvolveram muitos esforços para garantir a consolidação da paz e da segurança na Europa (ver, por exemplo, a Declaração sobre o Reforço da Paz e a Segurança na Europa, adoptada em 1966 durante a reunião de Bucareste dos países membros do Tratado de Varsóvia). Os países socialistas tiveram ainda o mérito de convocar a Conferência sobre Segurança e a Cooperação na Europa que se realizou em Helsínquia em 1975, onde representantes de 35 Estados assinaram a Acta Final. Em 1973, a URSS apresentou na ONU uma proposta de redução de 10% dos orçamentos militares dos membros permanentes do Conselho de Segurança e de utilização de uma parte dos meios assim economizados na ajuda aos países em vias de desenvolvimento. Em 1978, o mesmo país propôs na sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU, consagrada ao desarmamento, a tomada de toda uma série de medidas que permitissem a suspensão da desenfreada corrida aos armamentos e a aceleração das negociações sobre o desarmamento. No decurso dos anos 80, a União Soviética e os outros países socialistas continuam a desenvolver imensos esforços com vistas a garantir o desenvolvimento e o desarmamento.

Em 1982, a URSS comprometeu-se unilateralmente a não ser o primeiro país a utilizar a arma nuclear. Em 1983 proclamou uma moratória unilateral sobre o lançamento dos mísseis anti-satélite no espaço. A Declaração Política dos Países Membros do Tratado de Varsóvia, adoptada em Janeiro de 1983 durante a reunião de Praga, exortou os países membros da NATO à conclusão de um tratado sobre o não recurso à força militar e à manutenção de relações pacíficas. Além disso, a URSS apresentou na 39.ª e 40.ª sessões da Assembleia Geral da ONU toda uma série de propostas respeitantes à utilização pacífica do espaço. Uma declaração dos países membros do Tratado de Varsóvia formulada em Outubro de 1985, em Sófia, sublinhou que os objectivos

principais da sua política externa sempre tinham sido e continuavam a ser o afastamento da ameaça de uma guerra nuclear, a redução do nível de confrontação militar, o desenvolvimento das relações internacionais no espírito da coexistência pacífica e do desanuviamento. Nesta reunião foram elaboradas numerosas propostas com vistas a afastar a ameaça nuclear e a garantir uma mudança positiva da situação na Europa e noutras regiões do mundo. Outra prova de que a URSS continuava a esforçar-se por encontrar vias que conduzissem à solução pacífica dos problemas mais importantes foi a sua proclamação de uma moratória unilateral sobre as experiências das armas nucleares a partir de Agosto de 1985, a qual foi posteriormente e por várias vezes prolongada, assim como a sua decisão de assumir compromissos aceitáveis pelas duas partes, expressa em Novembro de 1985 na cimeira da Genebra. Revestem-se de importância histórica as propostas de paz da URSS contidas na declaração de Mikhaíl Gorbatchov de 15 de Janeiro de 1986 e nos documentos do XXVII Congresso do PCUS realizado em Março de 1986. Trata-se de uma concepção coerente de um sistema complexo de segurança internacional, de um programa realista e pormenorizado da liquidação completa dos meios de destruição maciça até ao ano 2000, permitindo à humanidade iniciar o terceiro milénio sem armas nucleares e instaurar um sistema de segurança internacional «em que a coexistência pacífica seja o princípio universal supremo que rege as relações internacionais». Este programa inovador é, no seu conjunto, uma expressão concentrada de uma nova forma de pensar política e de uma nova filosofia conforme à era nuclear e cósmica e que exprime os parâmetros humanos da política externa do verdadeiro socialismo. Ao mesmo tempo, este programa representa um passo importante para a democratização das relações internacionais e para a colocação de todos os países num plano de igualdade. Nesta concepção, a política e a moral, o interesse de

classe universalmente humano, as palavras e os actos formam uma unidade indivisível. Assim se manifesta igualmente a supremacia humana e moral dos países do verdadeiro socialismo na perspectiva dos problemas mundiais dos nossos dias. É por este motivo que o Programa de Paz do XXVII Congresso do PCUS, o qual foi acolhido com muita simpatia, faz parte integrante da nova consciência política dos povos e representa um factor da inspiração para as forças sociais em luta pela paz e pelo progresso social. Desde a Segunda Guerra Mundial, a URSS apresentou na ONU um total de mais de 100 propostas respeitantes à solução de diferentes problemas da segurança e do desarmamento. Na reunião dos países membros do Tratado de Varsóvia de Julho de 1986, em Budapeste, foram formuladas novas iniciativas importantes com vistas ao reforço da paz e da segurança internacional. Reveste-se de uma importância muito particular a iniciativa comum dos países socialistas tomada em Agosto de 1986 e que recomenda que seja inscrito na ordem do dia da 41.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU o estudo de um sistema complexo de segurança internacional englobando questões militares, políticas, económicas e humanitárias.

Quanto mais nos afastamos dos «dez dias que abalaram o mundo», tal como o jornalista progressista americano John Reed designou a ocupação do Palácio de Inverno, encerrando a «pré-história» da humanidade e iniciando uma nova etapa da história, mais as nossas gerações compreendem a grandeza e a importância imorredoira da Grande Revolução Socialista de Outubro. Este acontecimento, o mais impor-

tante do nosso século, não só ocupou definitivamente a posição que já fora atacada em França pelos partidários da Comuna de Paris e permitiu resolver os problemas concretos do antigo império tsarista como impulsionou a solução de numerosos problemas de crucial importância e que dizem respeito a todos os países de todos os povos, assim como à evolução social no nosso planeta. A vitória alcançada na Segunda Guerra Mundial, o nascimento e o desenvolvimento do sistema socialista mundial, a desintegração do sistema colonial imperialista, a edificação do socialismo em toda uma série de países, o aperfeiçoamento multiforme do socialismo e a passagem progressiva da sociedade socialista ao comunismo assegurada pelo desenvolvimento social e económico acelerado do país constituem marcos estratégicos da influência exercida pela Grande Revolução Socialista de Outubro e materializam directamente as suas ideias. A influência da Grande Revolução Socialista de Outubro manifesta-se de forma muito expressiva no problema mais importante dos nossos dias, o da guerra e o da paz. A Grande Revolução Socialista de Outubro não só lançou a palavra de ordem «a paz aos povos» e formulou a ideia da coexistência pacífica duradoura entre países de diferentes regimes sociais como criou, simultaneamente, graças à sua perpetuação e à sua enorme influência, forças capazes de impedir o desencadear de uma nova guerra mundial que levaria ao aniquilamento da civilização. A política agressiva do imperialismo defronta-se com a resistência do potencial cada vez maior das forças pacíficas, representado pela política de paz activa e consequente da URSS e dos outros países socialistas, apoiada pela sua força económica e defensiva continuamente crescente, assim como pela política praticada pela maioria dos países da Ásia, da África e da América Latina, os quais têm um interesse vital na salvaguarda da paz e na suspensão da corrida desenfreada aos armamentos. Devem ser igualmente mencionados os movimentos contra a guerra das amplas

massas trabalhadoras que se tornaram um factor influente e duradouro na vida social em todos os continentes. Além disso, muitos homens políticos dos países capitalistas, com uma concepção realista sobre a relação das forças no mundo, apercebem-se do aumento do perigo representado pela continuação da corrida aos armamentos e pela sua escalada.

No momento em que celebramos o 70.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro temos todas as razões para declarar que o perigo de guerra aumentou, mas que ao mesmo tempo também aumentaram as forças da paz, da razão e da boa-vontade, representando um contrapeso importante à política agressiva do imperialismo. A tendência com vistas ao reforço das forças da paz é estável e imutável, uma vez que é apoiada pelo desejo de centenas de milhões de indivíduos que povoam o nosso planeta e de todos os povos de viverem em bom entendimento e cooperação. Seja qual for o perigo que ameaça a paz devido à política dos meios agressivos do imperialismo, não é inevitável uma nova guerra mundial. A ameaça da guerra pode ser afastada e a humanidade pode ser protegida contra o apocalipse. Esta é a missão histórica do socialismo e de todas as forças progressistas e amantes da paz no nosso planeta. É aí que reside a actualidade das ideias da Grande Revolução Socialista de Outubro.

ÍNDICE

Frantisěk Havlícěk

Introdução 7

Emil Voráček

I. A sociedade soviética representa um novo tipo de civilização 13

Bohumil Lehár

II. O sistema socialista mundial representa um novo tipo de relações entre os países e os povos 31

Ivan Hlivka

III. Movimento revolucionário mundial — o seu papel e os seus objectivos com vistas à transformação justa do mundo 45

Ladislav Dvořák

IV. Movimentos de libertação nacional e luta pela transformação do mundo 57

Ladislav Dvořák

V. A nossa época e a tomada de consciência política dos povos 71

SETENTA ANOS DA NOVA ERA

Tradução: Calado Trindade
Capa e arranjo gráfico: Vladimír Procházka
Trabalhos de redacção terminados em Setembro de 1986
Agência de Imprensa Orbis, Praga, 1987

Setenta Anos da Nova Era
Produzido por Editorial «Avante!», SA, Portugal,
para a Agência de Imprensa Orbis, Praga
Tiragem: 3000 exemplares
Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Data de impressão: Fevereiro de 1987
Depósito legal n.º 10 737/85